

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1900

N.º 24

A estatua do dr. Malcher



No jardim das Mercês

BELEM (PARÁ)

CHRONICA

EXPLICAÇÕES



rio em alguns periodicos que o antigo critico d'As *Farpas* vem continuar n'esta revista, em collaboração de todos os numeros, as suas antigas chronicas.

N'esta affectuosa menção, que muito agradeço, ha todavia um equivoço — sem especie alguma d'importancia historica, é certo — mas que a simples honestidade me obriga a rectificar, para que os que leram *As Farpas* não tomem este gato por aquella lebre; e para que os que não leram as mesmas *Farpas* não sejam induzidos em erro, imaginando illusoriamente que é porventura uma especie de Menippo, o cynico, ou de Juvenal, o caustico, o personagem antigo e mysterioso, que, entre as ridentes e juvenis figuras da cantora Ferrani e da actriza Jesuina Saraiva, aqui se lhes offerceu como dadia de bom anno, sob rendas de papel finamente recortadas, alardinado de flores de prata e de candidos passarinhos de asucar, como a casta ameixa coberta e de boeta.

Para obviar a toda a possibilidade de equivocação ou de fraude na materia de que se trata, cabe-me o doloroso dever de levar ao conhecimento dos proprietarios, dos directores e dos benevolos assignantes d'esta illustração, do joven e esperançoso critico das *Farpas* falleceu ha muitos annos.

Não dobraram os sinos, não se deposeram coraças, a commoção não embarçou a voz dos oradores á porta do jazigo, nem se fizeram convites especiaes, por expressa determinação do finado, que foi sempre sujeito de acrisolada incapacidade representativa, mettido em si e de poucas conversas.

Elle me disse, como expressão solemne da sua derradeira vontade: — Se eu fosse homem para epitaphios, o meu deveria ser: *Aqui jaz um antigo cacheiro.*

Esse curioso ornamento das letras farpas do ultimo quarteiro (o seculo passado, ornamento, a que não terei duvida de chamar distincto (por que tambem precisam de ganhar o seu pão os editores que lhe sobreviveram) morreu de uma incompetencia de lesões. Matou-o a impossibilidade de ser conjuntamente pamphletario e avô.

Sabei, mancebos, que nos não é dado fazer saltar nos joelhos o nosso neto, e fazer conjuntamente saltar no arame o nosso proximo. Ou bem que se é pela troca, ou bem que se é pela troca. Por alguma parte se ha de rebeitar, porque se não pode ser tudo.

Equallymente convem ponderar que cada idade tem os seus defeitos e as suas virtudes peculiares, assim como cada estação do anno tem as flores e os fructos que lhe são proprios. A comparação é antiga, evidentemente; mas considero-a ainda prestavel a entendimentos avidos de aprofundar as analogias das coisas. Nas edades, como nas estações, productos correlativos. Inverter a ordem estabelecida é violar as leis da natureza, e crear aleijões.

As virtudes fundamentaes de um homem na idade que tinha o critico das *Farpas* são o entusiasmo e a intrepidez. As virtudes proprias da idade que em hoje tenho acham se todas, sob a rubrica de *fructos do espirito*, muito bem enumeradas por S. Paulo na Epistola aos Galatas, e podem reduzir-se a uma só: — a *manuidão*. Cultivo-a.

Se essa fina e melindrosa flor dos gelos não tivesse despondido opportunamente no meu coração, ou se me fallecesse a coragem de a ostentar rarridamente, como o ramo de *edelicis*, que põem de peneacho no chapéu os alpinistas do Monte Branco, o critico das *Farpas* teria tanta razão para se envergonhar de mim, sem encanecido pae espirital, quanto me sojeitaria, á minha parte, para renegar esse fillo do meu cerebro, se elle tivesse sido em seu tempo um pellado borrego de Panurgio, afincinado e poltrão, balando de tísico para escapar á voracidade dos lobos pela conquista do seu desprezo.

Um velho aggressivo faz-me tanta lastima como um rapaz servil e medroso. Para ter licença de morler e para ser bello mordeudo, ha que ter os dentes todos (menos o do siso, se quiserem!) firmes, brancos e reluzentes como os de um tigre novo, e maxillas rijas, de mascar ferro, além de que, logo á primeira dentada, ainda que n'um simples peçudo magro, se fique sabendo bem que é assim que se morde. Uma penna que investe tem de deixar ver na linha escripta, pelo rasgo do estylo, pelo impulso da phrase, pela vibracão dos vocabulos, que a rege um pulmo soffido e agil, de athleta e de paladino.

Ora eu, ao presente, não presto para morde nem para esgrimir. Quero crer que nasci para homem de forcas, para Hercules de feira, e para almocreve. Tenho ainda predilecções de almocreve. Gosto de correr

terras, de palmillar estradas, de parar nos alpendres dos ferradores ouvindo retinir o martello no banco de pinchar, de pernhoitar nas estalagens escutando historias á lareira, de atravessar os campos e de subir os montes, ao chiar das noras, ao soar dos moinhos, ao manuhlar das regas, no cheiro dos musgos, das estevas ou das grastias, no tempo das ceifas, no tempo das debulhas, no tempo das vindimas, no tempo da monda, da lavra e da sementeira, em todos os tempos, emfim, em que o homem renova o seu doce enlace com a terra benigna, em cujo seio tem de dormir para sempre.

De athleta demitti-me. O regimento dos Jogos athlenicos limitava em trinta annos a idade em que fica bem ao homem desnudar-se e ungrirse, exhibindo-se na arena como o Discobolo ou o Apoxiomenos, do tempo de Aristophanes é de Mialão, mostrando, na maxima pompa da belleza viril, aos applausos da trincheira, os musculos enobrecidos pela gymnastica e fendidos no supremo esforço para comecar á lide.

Nos jogos menos plasticos do nosso tempo, o r'speto que devo á esthetica, inhibindo-me igualmente de lutar, porque ultrapassai ha muito a idade regulamentar, permite apenas que eu me incline com regosio para atar as alpercatas dos novos pelottarios da critica, ou para offercer, de coleta cortada, uma *farpa* d'honra aos cavalleiros de alternativa no redondel das letras.

Não que eu não creia piamente que ha na controversia portugueza muita partida de pella que jogar, e muita bandarilha que metter na hypocrisia, na obtusidade, no descaro, na injusticia, na inercia, no pharisaismo dos homens. Não falta que brocar pela philosophia e pela chacota, pela argumentação e pelo riso, na rocha dos preconceitos e dos erros estratificados na sociedade portugueza por quatro seculos da mais falsa e da mais deploravel educação que pode ter um povo. Mas, para entrar pela critica na realisacão, tão lenta como meritória, d'essa obra social, é preciso ter um con victo espirito de insubordinação, de rebeldia e de resistencia á hostilidade universal. Desde que se principia a dizer *o nosso critico*, *o nosso bom*, *o nosso estimado*, *o nosso antigo critico*, signal é que aquelle, de quem tudo isso se diz, se acha morto e enterrado de muito tempo. Anda-se-lhe a passar por cima.

O critico das *Farpas*, no tempo em que era militante, em vez de ser antigo, nunca foi lido nem havido por critico. Consideravam-o apenas um garoto. E essa era a base do seu processo e o precioso segredo do seu engenho.

Oh! triste iniquidade humana, vulgarmente traduzida pela chamada força das coisas! Ninguém recebe a paga do que é, mas sim do que deixou de ser. O soldado na guerra, tendo por modo de vida morrer por quatro vintens diarios, offerce-nos o mais perfeito exemplo do verdadeiro heroe, sublime de desinteresse, vergonha permanente de outros cidadãos, que ganham mil vezes mais do que o soldado, e se não julgam por isso obrigados a morrer nunca. O soldado tem socialmente o merecimento de explicar com rara simplicidade este importante ponto de moral: que quem não está disposto para morrer quando for preciso não é digno de estar vivo.

E não obstante, as honras e as distincções militares não augmentam, como seria logico, na razão da inferioridade do soldado, mas sim precisamente na razão opposta, isto é: o soldado, só muito depois de o ser e de se ter esquecido de que o foi, quando por ventura chegue a general reformado, é que recebe em grão-cruzes, em medalhas e em agulhetas de ouro, a mais alta remuneração do seu desinteresse e do seu valor, já não a esse tempo exercido em combater por quatro vintens, mas unicamente em evitar, por muito maior quantia, o inimigo, representado pelas carnes vermelhas, pelos vinhos fortes e pelas saladas encandescentes de camarão e de trufas no recontro das grandes referencias nefastas.

Estou vendo que na carreira das letras se dá uma anomalia igual á da carreira das armas. A litteratura portugueza está cheia de generaes reformados, cujo numero me pesa augmentar de uma unidade pela concorrência dos meus galés.

E no entanto, á inilivivel verdade é que, tanto para a defeza do sólo como para a campanha das ideias, do que mais se precisa é de soldados rasos.

Por conseguinte, se quereis heroismo, se quereis esplendor, se quereis *Farpas*, chamae ás armas a mocidade. Eu, pe'lá minha parte, despendendo-me com ardor das altas funções de guerra adstrictas á subita patente que me conferir, irei desenferrujar as pernas a passar no Rocio, ou na Arcada, com os medalhões, meus pares.

A guerra na Africa Austral

II



AVIU derrubou o gigante Goliath; uma formiga pode dar cabo de um elephante.

Assim tambem as pequenas republicas do Sul d' Africa estão dando que fazer a poderosa e arrogante Albion e forçando-a a sacrificios de gente, de dinheiro e de prestigio que Deus sabe se poderão vir a ser ressarcidos no decorrer da campanha.

Quem presenciou o tom autoritario e altivo com que o governo da Inglaterra se exprimia, ainda em setembro passado, para exigir do Transvaal concessões politicas para os seus nacionaes, que em grande numero ali se tinham gradualmente juntado atrahidos pelas minas de ouro, quem attentou no tom sobreceiro de sir Alfred Milner para com o presidente Kruger, pensaria que a Inglaterra tinha concluido grandes preparativos de elementos militares de acção, e sabia estar o Transvaal em um miseravel estado de defeza, incapaz de resistir a um ataque serio.

Entretanto, o que nós todos vimos, foi que a Inglaterra pouco mais tinha no Cabo e no Natal do que a guarnição normal d'aquellas colonias, e desconhecia absolutamente os armamentos que os Boers possuíam e que parecem ter sido reunidos apenas nos ultimos tres annos, isto é, depois da desastrosa invasão do Dr. Jameson.

Depois d'esse acto escandalosissimo e improvacado, iniciado e dirigido superiormente pelo proprio Cecil Rhodes presidente do conselho de ministros da colonia do Cabo, provavelmente talvez com o apoio do governo central, comprehendeu o governo do Transvaal que havia da parte dos Ingleses um firme proposito de despojar os Boers da sua independencia, e que a realisacão d'esta ideia fixa era simplesmente questào de tempo.

Fizeram-se desde logo grandes e successivas encomendas de artilheria de todos os calibres e respectivo material, as casas francezas Canet e Schneider e a casa allemã Krupp, sob o mais rigoroso sigillo. Essa artilheria, que comprehendia peças grossas de posição de mais de 0^m, 15 e artilheria ligeira, era tudo o que podia haver de mais moderno e aperfeicoad. As remessas eram feitas dos portos do Havre, Antuerpia e Hamburgo em grandes volumes cuidadosamente empaquetados, e marcados exteriormente como se fossem machinas agricolas e industriais. O que é realmente admiravel, e como taes encomendas e construcção de material, tal transporte desde as fabricas até aos portos de embarque, poderam ser conservados secretos para o publico em geral, embora devesse ter havido em tudo isto tantos intermediarios. E' tambem admiravel como tão pesado material pôde desembarcar durante tanto tempo nos portos do Cabo, Elisabeth, Durban e Lourenço Marques e seguir pelas vias ferreas Inglesas e portuguezas ao seu destino sem excitar suspeitas ao pessoal aduaneiro e ao dos caminhos de ferro.

Mas, ao passo que o orçamento ordinario da guerra na Gran-Bretanha não é inferior a 90.000 contos, o da republica do Transvaal que comprehendia armamentos, munições construcção e conservacão de fortificações em Pretoria, Johannesburg e noutros pontos, etc., não excedia a modesta somma de 1607 contos de réis.

E como as grandes e clandestinas encomendas de artilheria e material de guerra feitas pelo presidente Kruger exigiam grossas quantias que era necessario satisfazer com regularidade, foi preciso inventarem-se os antipathicos monopolios da dinamite e outros, em consequencia dos quaes a probidade pessoal do presidente foi muito discutida, por se saber que taes operações financeiras davam margem a arrecadação de enormes quantias que ninguem sabia que destino levavam, pois não eram inscritas nos orçamentos. O presidente sujeitou assim o seu nome honrado a ser conspurcado, supportou corajosamente, estoicamente mesmo os insultos com que o mimoseou certa imprensa, mas foi silenciosa e patrioticamente arrecadando es-

ses dinheiros e pagando com elles as encomendas que ia fazendo para o Transvaal em estado de defeza.

Parece incrível — repetimol o ainda — que todas estas operações, tão complexas e tão importantes e que exigiram a intervenção de tantas diversas pessoas, podessem ser conservadas occultas à vigilancia astuta de todas as autoridades britannicas do Cabo e do Natal, e mesmo às de Inglaterra, ás das terras onde são situadas as fabricas fornecedoras, e aos consules nos portos de embarque! O que é porém certo, é que todo esse pesadissimo material pôde ser importado a pouco e pouco durante perto de tres annos, vindo tambem conjunctamente pessoal francez e allemão para adextrar e instruir os Boers no manuseamento d'esses modernos e poderosos enghenos de guerra.

O partido afrikander na colonia do Cabo vae-se successivamente robustecendo e o poderio da influencia ingleza vae correspondentemente decahindo. Mesmo no Paarl, lindissima povoação a curta distancia da cidade do Cabo onde predominam habitantes de origem hollandeza, existem focos de aberta conspiração; nos templos reformados da propria cidade, os pastores instigam os seus ouvinhas a defenderem a causa da justiça; o presidente do conselho de ministros do Cabo Schreiner que não tem feito grande mysterio das suas ideias de sympathy pela causa dos Boers conserva-se ainda ao lado do Alto Commissario sir Alfred Milner, mas talvez já sem merecer a este muita confiança.



Transvaal — Ponte sobre o Incomany

Entretanto, é nossa opinião que o dito ministro Schreiner não tem sido demittido porque isso seria a scintella que lançaria fogo ao rastilho da rebelião que está latente, que vai minando sulapado, mas em que o Alto Commissario, illudindo-se a si proprio, não ousa tocar para não determinar uma medonha explosão que poderia subverter de vez a autoridade da Inglaterra.

Ha um pomenor curioso, em que pouca gente terá talvez attendido, e que revela como a influencia do partido afrikander se tem ido a pouco e pouco e ha annos desenvolvendo na colonia do Cabo, talvez pelos pouco tranquilisadores indicios tirados da successiva e sempre crescente corrente da immigração anglo-saxonica nos paizes do Sul.

E' sabido que, em todos os paizes modernamente annexados pela Gran-Bretanha e onde originariamente se falava outra lingua europeia, essa lingua foi a pouco e pouco suffocada na intenção de ser hãida e substituida pela ingleza: nos tribunaes, nas repartições publicas, nos parlamentos só a lingua ingleza era permitida. Succede isso na ilha Mauricio e nas Seychelles onde aliás a lingua do povo é ainda franceza, e succedia até ha bem poucos annos na colonia do Cabo em cujo parlamento não era permitido o uso da lingua hollandeza.

Era esta uma das manifestações mais notaveis do orgulho da grande potencia dominadora e insaciavel.

Pois a influencia afrikander ou neo-hollandeza, a despeito de todas essas conhecidas oppressões é tão grande e tem augmentado a tal ponto que, ha bem poucos annos, já depois da guerra da Independencia do Transvaal em 1881, conseguiu infiltrar-se até ás regiões do parlamento do Cabo e obter que fosse indistinctamente permitido o uso do hollandez ou do inglez a opção dos oradores.

Esta conquista foi notabilíssima e revelou bem que, se as populações da *velha colônia*, como vulgarmente chamam ao Cabo, na sua grande maioria de origem holandesa, aceitaram resignadamente o domínio político britânico para se não verem obrigadas a uma dolorosa e aventureira peregrinação pelos sertões dentro como sucedem com os Boers do Transvaal e de Orange, essas populações quiseram e querem conservar a sua língua, as suas tradições, os seus costumes e as suas crenças, não consentindo na completa, absorvente e diluidora assimilação que os ingleses usam applicar aos paizes que vão conquistando, sempre que o clima lhes não oppõe barreiras invencíveis.

Tudo isto mostra que a homogeneidade de sentir e de pensar, de aspirações, de convicções e de ideias dos habitantes brancos afrikanders do Cabo, do Natal, dos paizes sob protectorado britânico e dos Boers do Transvaal e d'Orange, é enorme, indestructível, e não pode temer quaesquer diligencias dissolventes anglicisadoras; e ao passo que de tempos a tempos a insaciavel absorção ingleza se ia evidenciando sob diversas formas mais ou menos aggressivas e violentas, esses brancos da Africa do Sul ou afrikanders iam tomando a lição da experiencia unindo se cada vez mais em uma especie de maçonaria vigorosissima e tornando-se cada vez menos susceptiveis de esmagamento.

O que parece incrivel e que o governo inglez em Inglaterra e os seus successivos representantes em Africa, alias homens de notabilissimas faculdades intellectuaes, como Lord Lock, Sir Hercules Robinson e outros, não tivessem apalpador por lá essas crescentes e multiplices asperesas, e não procurassem gradualmente suavisa-las desarmando descontentamentos e amaciando mais vontades.

A culpa d'essa sua politica tem-na em primeiro logar a riqueza mineira mexaurivel do paiz que atrahiu a pouco e pouco uma numerosa corrente de emigrantes inglezes, em geral das mais baixas classes sociaes, e tem-na sobretudo e principalmente — não nos cansaremos de o dizer — Cecil Rhodes, o homem mais audacioso, mais irrequieto, mais ambicioso e menos escrupuloso talvez de quantos teem ido á Africa Austral e teem estado em posição dominadora.

As minas d'ouro do Transvaal fascinaram o espirito mercantil da Inglaterra; e como a muitos parecia que os Boers de hoje já não eram da tempera dos que dirigiram as antigas migrações de 1834 e 1842, nem mesmo d'aquelles que combateram em 1881 e praticaram o epico feito de Majuba, julgou o governo inglez, sempre iludido nas

informações que do Sul d'África recebia, que poderia impôr ao governo do Transvaal um regimen politico e civil de tal ordem que em poucos annos viesse a equivaler a uma annexação d'aquelles territorios riquissimos á fulgurante corôa da Rainha Imperatriz.

Não succedeu contudo assim, e os factos teem demonstrado a sociedade que as virtudes civicas dos Boers estão tão viçosas e puras como quando em 1852 a sua independencia foi pela propria Gran-Bretanha reconhecida na convenção de *Sand River*: — que os Boers não são tão selvagens como muitos querem fazer ver, porque vão aceitando gradualmente os fructos da civilização moderna, mas são os saudaveis e reparadores, deixando de parte os venenosos e indigestos, — que os combatentes neo-hollandezes do Transvaal e de Orange são sempre os incançaveis cavalheiros, os excellentes atiradores e os grandes patriotas que em todos os tempos foram e de que deram sempre provas inequivocas na paz e na guerra.

O combatente boer, se por um lado lhe falta a

disciplina vistosa que distingue os exercitos europeus, tem por outro lado crenças firmes, e defende a causa sagrada das suas liberdades e da independencia do paiz que habita. Essas crenças e essa força grande patriótica, juntas á iniciativa corajosa, que por modo nenhum exclue a obediencia respeitosa aos seus chefes, dão ao combatente boer uma enorme superioridade sobre as forças inglezas que estão combatendo na Africa do Sul. Este sentir commum aos Boers das duas republicas e aos afrikanders todos do Cabo e do Natal, illuminado superiormente pela fe de que

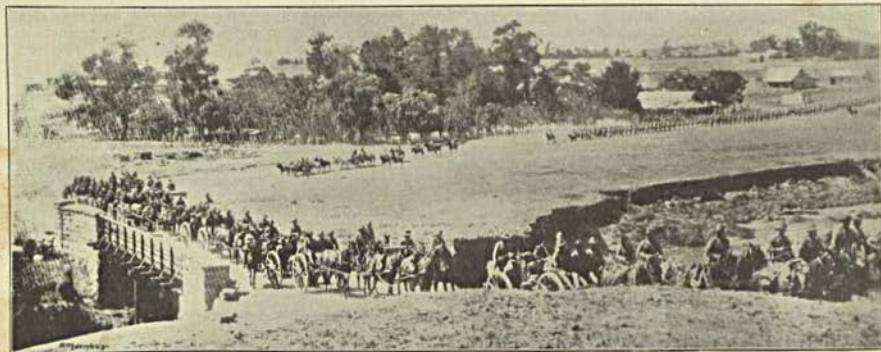
é Deus quem os conduz á victoria da causa santa que defendem, dá a todas essas populações brancas do Sul uma espantosa e vigorosissima homogeneidade e uma cohesão inatacavel e invencivel.

Os soldados do exercito britânico pelo contrario não só não teem homogeneidade nem espontaneidade, mas nem sequer a convicção e a fé na justiça da sua causa. Batem-se por obediencia passiva, o que equivale a marcharem ao suplicio como condemnados, resignados mas sem entusiasmo.

E tambem esta obediencia passiva tem-se ido affrouxando gradualmente e tem sido agravada com a pouca aptidão que o soldado inglez tem apresentado para lutar contra as intemperies climatericas e outras causas occasionaes de abatimento physico e moral. Nos ocios dos acampamentos e sobretudo nas guarnições de Maritzburg e mesmo de Durban teem apparecido mais de um caso de insubordinação, e sobretudo de attentados contra as populações pacificas os quaes os proprios officiaes são impotentes para evitar ou reprimir. As mo-



Grupo de prisioneiros inglezes



Uma columna do Natal — A caminho de Colenso

lestias causadas pelo rigor das chuvas e das elevadíssimas temperaturas, especialmente nas cidades sitiadas e sobretudo em Ladysmith, vão gradualmente enfraquecendo o espirito do soldado e desmoralizando-o. Referem, os periodicos que venho-se a guarnição de Ladysmith obrigada a refugiar-se em grutas subterraneas para se abrigar dos constantes bombardeamentos, e affligida, quando vem ao ar livre e a luz deslambriante do sol, com graves doenças de olhos de que em alguns casos tem resultado a cegueira.

No exercito sitiado do general White em Ladysmith estão lavrando ainda outras molestias graves que causam grande numero de victimas, e que são devidas ás altas temperaturas, ás chuvas copiosas, á contaminação das aguas e á exposição de animaes mortos principalmente cavallos e muares que os constantes bombardeamentos impedem de enterrar e que se decompõem e exhalam fetidos pestilenciaes.

Se entre o povo inglez houvesse a crença robustissima na justiça da sua causa que anima os Boers, se o patriotismo da massa da nação fosse realmente grande, quer-nos parecer que, entre as muitas dezenas de milhares de inglezes que tiveram de abandonar as minas de



Chegada dos primeiros prisioneiros inglezes á gare de Pretoria

ouro, as cidades de Pretoria e Johannesburg e todo o Transvaal, no principio d'esta guerra, não teria sido impossivel organisar-se no Cabo ou em Natal um bom corpo de exercito, que teria tido tempo de receber a conveniente instrução e que já estaria mais acimado do que as tropas que tem de ser mandadas da Inglaterra e das colonias distantes. Em vez d'isso, corre como certo que muitos d'esses inglezes fugidos do Transvaal se encontram foragidos e escondidos nas mattas do paiz dos Zulos e á espera de ver em que acaba o presente conflicto para então verem o que lhes convem fazer.

A par d'isso referem os jornaes que as tropas que ultimamente tem embarcado em Inglaterra com destino á Africa do Sul, não só o fazem com bem pouco enthusiasmo ou se esquivam a esse dever, mas até praticam n'esse acto e a bordo dos transportes scenas de indescriptivel e escandalosa insubordinação. É espantoso o que o mundo está presenciando!

Lisboa, 7 de janeiro de 1900.

AUGUSTO DE CASTILHO.



Á MORTE

Dizem que és feia; chamam-te inhumana; todos te votam o odio mais profundo, e, impassivel, tu passas pelo mundo sem ouvir taes clamores contra ti. Entras do pobre no tugurio estreito, entras do rico na vivenda immensa, e feres com a mesma indifferença o velho, o moço, o infante que sorri!

E's feia para aquelles que deploram dos entes caros a eternal ausencia; és cruel para aquelles que a existencia sentem correr em florido jardim... Mas és boa, és piedosa para o triste a quem, no lancar da desventura, tu vens mostrar a paz da sepultura, ao seu martyrio pondo um termo emfim!...

Moçambique.

CAMPOS OLIVEIRA.

Alves Corrêa



O jornalista fallecido ha poucos dias, a quem admiradores e amigos vão erigir um mausoléu, era d'aquelles que a natureza dotára para as incruentas luctas da imprensa. Sob este aspecto, a sua individualidade era realmente notavel, e a tenacidade era a grande força que bastas vezes lhe conquistou a victoria. Não era um homem de letras, não era um estylista, não era um propagandista de ideias. Era um polemista e ninguem como elle atacava a fundo com mais ferrenha persistencia, empregando

todo um arsenal de accusações vehementes, uma instituição que quizesse demolir ou um funcionario que procurasse derribar.

Alves Corrêa não tinha de jornalista aptidões que supplantassem esta ou lhe equivallessem. E aquelles que aos golpes da sua penna fogaosa se sentiram malferidos podiam detestar o homem de quem porventura se julgassem victimas, mas ao mesmo tempo tinham de reconhecer-lhe na virulencia uma alta superioridade inconfundivel.

Esta qualidade poderosa deu-lhe no jornalismo portuguez um lugar á parte, e dá-lhe direito ao logar consagrado n'esta Revista aquelles que são prostrados pela morte, na crise de um infortunio, no meio da lucta, ou em pleno triumpho.

A DEFESA DO OURO

PERSONALISSE o fecho do anno, entre os factos de ordem financeira, por uma elevação extraordinária da taxa de desconto nos grandes centros monetários. O Banco de Inglaterra fixou-a, em rápida subida, a 6%; elevou-a a 4 1/2% com excepcional presteza e contra os seus habitos de estabilidade quasi inflexíveis. O Banco de França; e o Banco do Imperio Alemão levantou-a rudemente a grandeza e amplitude n'esta oscillação foi attribuida a uma acção reflexa da guerra travada no sul d'África, no paiz do ouro, sobre os grandes bancos d'emissão que por seu turno defenderam, a golpes de desconto, a reserva do precioso metal, dificultando-lhe a sahida a restringindo as concessões de credito. Recentemente, e ainda sob o mesmo influxo do mercado britannico, o Banco de França desceu o seu juro de 4 1/2% a 4% quando o Banco de Inglaterra o diminuiu de 6% a 5 1/2% e o Banco allemão acompanhou a descida, passando a sua taxa de 7% para 6 1/2%.

Durante este periodo, na nossa praça, ao invéz, a taxa do juro manteve-se oficialmente a 5 1/2%; mas certifiçam as revistas da especialidade o facto de ser suppridas com facilidade, mesmo a 5% em alguns casos, as exigencias do mercado, e noticiam com louvor a intervenção oportuna do Banco de Portugal, abrindo com largueza o desconto ás grandes operações do commercio. Afigura-se ainda a outros que, de hovez, pelos usos do paiz, servindo de cheque e do mandado de transferencia, maior economia de notas, que mudam constante e inutilmente de cofres ou de carteiras, talvez fosse possível fixar no Banco menor taxa de desconto do que a actual. Eis o aspecto do mercado portuguez em face dos poderosos extranhos; curioso facto de prosperidade invertida — mercê do cubiçado ouro ter desaparecido ha muito da circulação.

Houve tempo em que as alterações do desconto em Londres, sobretudo os aumentos, transmittiam telegraphicamente ás quintas feiras, depois da sessão semanal do conselho do Banco de Inglaterra, commoviam fortemente e por vezes sobressaltavam em apprehensivos receios o nosso pequeno mundo financeiro. Havia então circulação em ouro, na sua quasi totalidade em sterlinas, artificialmente constituida e conservada pelas importações do Banco de Portugal, sempre a refazer associado a sua reserva de caixa, usando largamente dos creditos no estrangeiro até o momento de liquidação promovida pela realisação de um emprestimo externo, desajog passagreiro que os deficits commerciaes e os do thesouro em breve exgotavam novamente. Era um improbo trabalho de danaiades, d'aquellas quarenta e nove irmãs condemnadas a encher o celebre tonel defundado, na classica comparação a que é de uso recorrer em casos taes. Por vezes, não raras, os caxiques cheios de libras, chegados do Banco de Inglaterra para o Banco de Portugal, eram re-exportados ainda com os sellos intactos por conta do banco inglez ou de outro qualquer banco.

Citava-se o facto nas revistas monetarias da epocha; discutiam-se-lhe as causas; apontavam-se meios de compensação directa que muitas vezes, com profunda tristeza, se reconhecia não haver possibilidade material de realisar; recorria-se a expedientes; combinavam-se saques; havia a preocupação constante de conhecer a situação cambial do Banco; mas afinal o milhão de soberanos que constituia a reserva normal para troca de notas e fonte de recursos para o mesmo circulo exportado, era em regra, na sua maior somma, uma divida aos correspondentes do Banco na City.

Pelo proprio encadeamento dos factos economicos, as importações de ouro, realizadas para Portugal, cahiam em Londres no momento menos opportuno. Eram sempre cuidadosamente citadas nos money markets dos jornaes londrinos. Quando as sahidas de ouro para o Tejo se avolumavam em levantamentos successivos, chegavam a provocar uma ligeira perturbação no mercado inglez, claro está, semelhante á passageira ruga que aproxima de subito os sobrolhos de quem a polveirização recorre, uma, a primeira influencia irrefectadamente disparada. Mas, em todo o caso, molestavam.

N'aquelle epocha, o premio do ouro apparecia sómente nas contas annuaes do Banco, mas apparecia envolta nas perdas cambiaes e nos encargos de importação monetaria que, houve annos, excederam o melhor de 400 contos. Hoje, o premio avulta e pesa sobre toda a economia do paiz; porém o milhão de libras que constitue a suprema reserva do Banco, o deposito nacional de ouro, não está operado de dividas e creditos, não se recadastrado estrangeiros e exgotados constantemente na dohadoura das multiplicas importações. Hoje, a excepcional carestia do dinheiro em Londres não produzida, como out'ora, a impressão profunda que sobressaltava a praça, mercê da propria crise que apenas nos permite a circulação de papel ou de prata enfraquecida. E para estes casos que a resignada sabelidoria das nações criou sen. duvida o ditado de que na males que vem para bens. Todavia, antes de proseguir na exposição dos factos financeiros que deo ao negocio e maior independencia da praça sob o regimen de cambios desparados do que em epochas de cambios ao par. Accentuo esta formula paradoxal, por que o men-singulo optimismo não seja assimilado á conhecida doutrina do tudo é pelo melhor no melhor dos mundos possiveis do doutor Pangloss, da immortal obra prima do Voltaire. Ao contrario, exponho factos

de ordem economica com o intuito de confirmar a experimental e suggestiva resposta de Candide á philosophia do seu perceptor: *Il faut cultiver notre jardin*. E na verdade, se a economia nacional, durante estes longos nove annos de aguda crise, tem procurado cultivar o seu, muito lhe falta ainda para desbravar e reflorir.

Houve, pois, no decurso das ultimas semanas, uma notavel alteração de taxas de desconto nos grandes centros financeiros do mundo, cuja importancia para a vida commercial é facil de comprehender. Porém, extremamente curiosa e subtil é esta atracção sobre o ouro exercida pelo Banco de Inglaterra, consultando os movimentos de cambios internacionais, atracção immovental, que se realiza talvez mais rapida hoje do que out'ora, pela instantaneidade das communicações telegraphicas e pela intensidade da especulação mercantil.

Demasiadamente tecnica para ser n'este logar exposta a applicação minuciosa d'este phenomeno financeiro, basta enunciar para ser comprehendido a lei economica que o determina — nas relações internacionais o capital converge para onde o juro é mais elevado, em condições de absoluta segurança. Assim o Banco de Inglaterra defende e refaz a sua reserva de ouro, que é a suprema reserva da nação inteira, pela elevação da taxa do desconto; e resolutamente leva esta subida no juro até o ponto de influir no curso dos cambios, atingir os gold points, fazer reentrar o ouro no mercado depauperado. A alta do juro funciona, como um excitador de Hertz; a avidez do lucro determina as correntes do metal precioso. O effecto, porém, depende essencialmente da confiança. No recente movimento de cambios internacionais, houve haver largamente a coincidência da confiança universal no credito inglez. Os mercados de Paris, de Berlim e de New-York, directamente visados pela alta do desconto em Londres, defenderam-se e com tanta mais energia quanto mais rudemente experimentaram a violencia do empuchão. A convergencia dos milhões sobre Londres foi quasi instantanea. A confiança foi brilhantemente experimentada. Se ella não existisse, a alta do desconto em Londres teria sido inutil. Ha trinta e quatro annos apenas, em 1896, n'um momento afflictivo para o mercado inglez, debalde o Banco de Inglaterra levantou até 10% a taxa do seu juro; o cambio sobre Paris permaneceu durante tres mezes desfavoravel á Inglaterra, porque foi preciso esperar que a confiança se restabelecesse.

Das duas forças distintas que, ora somando-se, ora neutralizando-se, determinam a amplitude das oscillações dos principaes cambios europeus, a balança internacional e o valor comparado dos capitales, apenas sobre esta segunda pode haver regulamento artificial; d'aqui, a alteração da taxa do desconto nos grandes bancos reguladores. Cada um d'elles, porem, procede, influe ou regulamenta consoante as condições particulares do seu meio. Assim, o Banco de França elevou apenas a 4 1/2% o seu juro, enquanto que o Banco do Imperio allemão não recuou perante a elevação a 7%. Um e outro defenderam denodadamente o seu stock de ouro; mas em França, perante a possibilidade de pagar em prata, quitavam-se de meios indirectos alem do juro; por exemplo o uso das moedas de 10 francos, muito leves para ser exportadas, um ligeiro premio sobre o ouro, imposto mesmo sobre as proprias moedas de 20 francos. O Banco da Alemanha, vivendo sob esse regimen monetario que o aproxima do de Inglaterra, usa, em defeza da sua reserva, da alteração do juro, apenas lhe é forçoso atingir taxas mais elevadas que differenciem as correntes de capitales. Nunca recuou dar o ouro dos seus cofres em reembolso das notas, cumpriu sempre as obrigações do seu estatuto; mas conta-se que o Banco sahio e tem sempre meio de fazer-se entender dos banqueiros que não tem temerarios para lhe pedir ouro e retirar-o nos momentos opportunos.

O unico mercado europeu, onde o ouro está sem empedimentos nem obstaculos á disposição do mundo inteiro, é o mercado inglez, reservativo, onde todas as nações vão buscar o ouro de que carecem, quer seja para reforçar as reservas bancarias, como out'ora o faziam o Banco de Portugal, quer para garantir a emissão, quer para combater os meios de emissão. O meio é simples, rapido e commo comprar letras sobre Londres, fazel-as descontar na City, cobrar a importancia em notas do Banco de Inglaterra e em seguida apresentar estas ao reembolso no departamento da emissão. A libra é moeda internacional, universal; por isso se concentra no mercado inglez o commercio de metaes preciosos. Não é sómente o ouro proveniente das oscillações cambiaes que accorre ao mercado britannico, é tambem o ouro das minas que da Austrália e da Africa do Sul vem, como chegam os minérios de ouro pelo movimento cambial, determinado mais pela acção do valor comparado dos capitales do que pela balança internacional. Para o nosso mercado, sob o regimen de circulação em papel, a theoria dos cambios, tão delicada e complexa, não tem applicação efectiva. Fixam-se apparentemente em moeda os cambios; porem não se determinam pelos pesos de ouro, oscillam em função da circulação fiduciaria, perante as condições geraes de credito e de liquidações internacionais.

Quando este escasseza, a taxa de desconto provoca opportunamente um novo affluxo de provisão. Claro está que presentemente são as nações opulentas, como a França, a Alemanha, a os Estados Unidos, as fornecedores a Londres de ouro pelo movimento cambial, determinado mais pela acção do valor comparado dos capitales do que pela balança internacional. Para o nosso mercado, sob o regimen de circulação em papel, a theoria dos cambios, tão delicada e complexa, não tem applicação efectiva. Fixam-se apparentemente em moeda os cambios; porem não se determinam pelos pesos de ouro, oscillam em função da circulação fiduciaria, perante as condições geraes de credito e de liquidações internacionais.

Claro está a contradicção apparente a que me referi, mostrando a largueza de descontos no nosso pequeno e pobre mercado em coincidência com a escassez de recursos nos extranhos mercados e poderosos.

Eugenio de Castilho

MAIS uma vez a morte enluta estas paginas, nas quaes tem hoje de registar um nome querido.

Eugenio de Castilho ligado pelo sangue a alguém que pela confraternidade litteraria e pelos primores de caracter é, dentro d'esta publicação, tão querido e respeitado de nós todos, deixou de existir. Era o antepenultimo d'esta dynastia Castilho, cujo tronco poderoso e rijo desafia o tempo e parece ganhar viço e forças em cada anno que passa.

Nasceu em 1846 o homem que ha poucos dias fomos acompanhar ao Alto de S. João. Dissémos o antepenultimo, por que os ultimos filhos do visconde de Castilho foram duas meninas gêmeas, Christina e Ida, nascidas em S. Miguel, a primeira morta aos 8 annos e a segunda ha 12 ou 13 annos. A Eugenio sobreviveu Augusto, o nosso querido companheiro de direcção, e Julio, o actual visconde de Castilho, e um dos mais primorosos escriptores da lingua portugueza.

Como acontece á maior parte dos mortaes, e especialmente áquelles que pelo talento se elevam acima da craveira commum, esse cego sublime, que fez subir tão alto o nome portuguez, teve as suas horas amargas, horas de cançasso e de lucta, em que era obrigado, como de outro grande escriptor elle disse um dia, a frigar os miolos para sustentar a familia. Foi n'uma d'estas crises violentas que elle teve de deixar Lisboa e seguir para os Açores com sua familia, e essa ida brusca impediu-o de dar ao Eugenio uma bem dirigida instrucção.

Mas eram tão vivas e brilhantes as suas faculdades intellectuaes, que para realcal-as e não desmentir a gloria que d'aquella familia era apanagio, sufficiente lhe foi o meio litterario, em que as exercitou com exito. Falava com extrema correcção e apurorada elegancia, era conversador por excellencia e orador de raça, tinha o encanto do espirito e o poder da persuasão, e para se aquilatar o valor do poeta basta reproduzir aqui uns dos seus ultimos versos, repassados de um lyrismo profundo e de uma resignação philosophica. Leia-os quem, pelo seu afastamento da sociedade e quasi da vida, ao qual elle se votara, não poude apreciar os thesouros de poesia e de eloquencia encerrados n'um dos melhores corações e dos mais formosos espiritos que a nossa terra possuiu.

Prende a vida em tão pouco! um leve sopro, e a alma abandona esta carne, e fica tudo em calma.

Como apoz a borrasca, o tempo se abonança, assim, depois da vida a eterna paz se alcança. Ah! quem me dá a fé, a fé da minha infancia! tudo então me sorria! um ai! uma fragrança, eram farto alimento á sêde que eu sentia de amar a natureza, a luz e a harmonia! Agora que a razão se me aclara, perdido sossobro no alto mar, das ondas combatido... Antes quizera estar na escuridão de outr'ora, do que ter dentro em mim este clarão de agora.

Escreveu bastante em verso e em prosa. Impressos deixou uns contos muito interessantes, e chegou mesmo a fazer sensação um poema seu em alexandrinós, publicado sob o titulo *Patria contra a Iberia*, e que era um vehementissimo protesto. O unico dictionario de rimas que possuímos é tambem obra sua.

Passou pela vida publica, e da sua antiga actividade, e illustração colhida dia a dia, muito esperavam os que de perto lhe conheciam a tempera e o valor, se uma enfermidade incuravel o não tivesse ha 21 annos acorrentado a si proprio, impedindo-o de todo o convívio externo. Uma paralyasia dos membros locomotores roubou-o á vida da sociedade e cortou-lhe porventura os vãos de uma intelligencia que maior lustre podia dar ao seu nome glorioso de familia.

Nomeado em 1870, na dictadura do marechal Saldanha, administrador do concelho de Lagos, exerceu esse logar com grande distincção e superior criterio, e o cumprimento do dever era para elle uma tão augusta missão, que Eugenio de Castilho, addido á Bibliotheca Publica, da qual fóra muitos annos um funcionario exemplarissimo, impossibilitado agora, pela doença phisica, de frequental-a, procedia em casa a trabalhos constantes de catalogação, e ainda na vespera da morte, acabava os que tinha a seu cargo.

Estes longos annos de uma existencia torturada suavizou-os o carinho, a devoção completa, o amor quasi eterno e idyllico de sua esposa, que lhe adivinhava todos os pensamentos e se encontrava com elle em todas as aspirações do espirito e em todos os primores do coração. E é para prestar homenagem a esse alto e raro sentimento de affecto, que hoje publicamos n'estas paginas junto do retrato de Eugenio de Castilho o d'aquella que o acompanhou sempre com dedicação sem igual e lhe deu na hora ultima a maior e mais singular prova da ternura humana.



Eugenio de Castilho, sua esposa e seu sobrinho

Exposição de photographias

INDISTINCTAMENTE, premiados ou não, iremos publicando em alguns numeros as reproduções das photographias que mais se notabilisaram na exposição, ha dias inaugurada em uma das salas da Sociedade de Geographia.

Verdadeiros primores de arte, incontestaveis obras primas appareceram, a par de muita banalidade, n'essa exposição, que um grupo de amadores promoveu, e cuja inauguração constituiu um acontecimento sensacional, despertando a curiosidade de todo o bom lisboeta que se gloria de ter um irmão, um primo, pelo menos um amigo, entre a chusma de fanaticos da photographia, que todos os domingos invade de kodak em punho os pontos pittorescos dos arredores de Lisboa.

Ha meia duzia de annos o photographo amator era *avis rara*; hoje é uma praga.

Porque hoje toda a gente faz photographia, mas, seja-nos licito dizel-o, poucos são os que relativamente, a sabem fazer.

Na photographia não ha apenas a nitidez, a perfeição da chupa, ha tambem, e muito principalmente para o amator, o interesse e belleza do assumpto.

O photographo de profissão, photographa o que lhe pagam para photographar; o amator não.

O amator precisa mostrar que é artista, não apenas pela perfeição da prova photographica, mas tambem pela belleza, pelo interesse ou pela curiosidade do assumpto que a sua machina reproduz.

N'uma exposição de profissionais a aridez do assumpto, a falta de interesse do *trecho* photographado, seria uma deficiencia, seria um erro, mas não era uma desvalorização dos trabalhos expostos.



Depois da merenda
(CLICHÉ DO SR. JOSÉ LETÃO)



Na eira
(CLICHÉ DO SR. VALLEJO MARQUES)

N'uma exposição de amadores, as photographias de banalidades, por mais primorosamente executadas que sejam, ficam desvalorizadas porque demonstram a falta de gosto artistico da parte de quem as faz, e se n'um profissional o publico exige acima de tudo o rigor da reprodução, n'um amator não pode encontrar na nitidez da chupa a compensação para a ausencia do gosto artistico na escolha do assumpto.

Mas, se na exposição que ha apenas dias se inaugurou appare-

ceram trabalhos de muito contestavel valor, appareceram tambem trabalhos notabilissimos, e a impressão geral é das mais agradaveis.

Entre os expositores muitos ha que demonstram ter caminhado, e valentemente, para a completa perfeição, e mostrando que progrediram e que trabalharam com enthusiasmo.

Não citamos nomes, não nos alongamos em considerações, não criticamos os trabalhos de cada um, em especial.

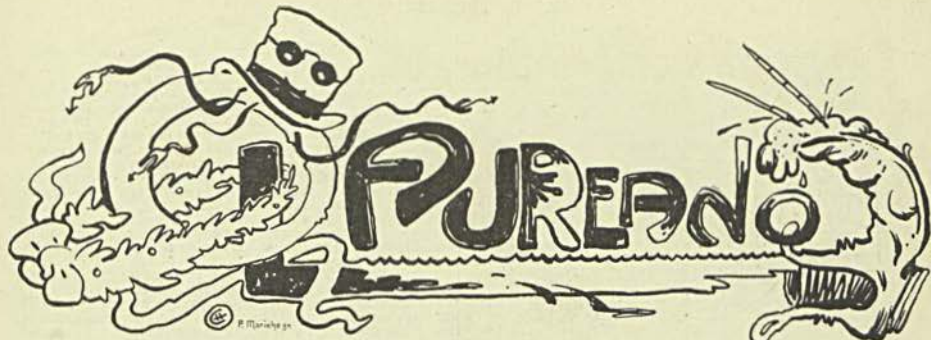
N'este numero e em numeros seguintes publicamos algumas d'essas photographias, e pelas que hoje reproduzimos podem os nossos leitores apreciar alguns dos mais bellos primores que teem sido admirados na Sala Portugal.



No Tejo
(CLICHÉ DO SR. BARROS E MELLO)



Costume slavo
(CLICHÉ DO SR. VALLEJO MARQUES)



CARTA A CELSO

Amigo Celso Herminio:

Terás paciência, jantarás hoje sem mim, e dirás a essa gente do jornal que neste momento me é intrinsecamente impossível escrever o artigo, que, por teu intermédio, me pediriam, para o dia que marcaram. Acho-me de molho — guardando o leite, como agora se diz — há tres dias, com uma tremenda constipação que apanhei na quarta feira, por teimar em acompanhar debaixo d'agua, até á côva, o enterro do Laureano — o pobre Laureano! Aquelle Laureano de luneta azul a quem nunca quizesse que eu te apresentasse, «porque era uma creatura que te fazia mal aos nervos».

Agora, que elle é morto, e bem morto, d'uma congestão que o atirou a terra em menos de dois segundos, posso dizer-te, sem receio de que vossés se esmurrem amavelmente, como é costume entre artistas e criticos, que chegaram ás do cabo em assumptos de Arte e Critica, que tu eras tambem, para elle, «uma creatura que lhe fazia mal aos nervos». Perguntarás porquê? Porque esse Laureano não era só muito extraordinario por fóra; era mais extraordinario ainda — por dentro; e um dos seus caracteristicos profundos era precisamente este: cultivar carinhosamente em seu seio — com os mil cuidados e precauções de quem quizesse, por uma risonha mania de botânico, crear e desenvolver, num vaso, ao parapeito da sua janella, um pessimo cardo parafeito da sua janella, um pessimo cardo parafeito dos campos — o odio que sabiam inspirar-lhe todas as creaturas a quem um dia a Ventura, a Alegria, a Fama houvessem bajefado.

Talvez tu te recordes de uma vez que, regressado do Brazil, me perguntavas, enterrecido já com a certeza anticipada da resposta, e com algum Champagne, — se os teus amigos tinham dito por cá muito mal de ti, enquanto tu andras lá por fóra... E acrescentaras logo: — Creio bem que não; eu, pelo menos, vivo na illusão de que ninguém diz mal de mim... Eu sorri, malevolamente, quasi decidido a verter na taça do teu Champagne duas grossas gottas de veneno. Mas hesitei, trepidei, venci-me, e disse-te que sim, que sim! que nunca ninguém se atrevera, com effeito, a roer-te na pelle, nem durante a tua estada no Brazil, nem antes da tua partida, nem depois do teu regresso. Apenas estabelecerera uma pequena reserva — para além-tumulo. Ora eu devo confessar-te que nesse dia te menti; menti por prudencia, é certo, mas menti. Uma vez, porém, que um tão infausto acontecimento veio annullar, para todos os effeitos, uma das partes litigantes, comprou-me restabelecer com exactidão toda a verdade dos factos. Tu tiveste um inimigo — um inimigo unico, mas um grande inimigo. Foi o Laureano. Ora o Laureano morreu! Podes fazer como elle: descança em paz!

Eu não fui seu amigo; bem longe d'isso; mas senti por elle alguma estima, algum interesse e alguma commiseracao. Laureano era, afinal, um pobre diabo. O que para elle houve de peor, o que o estragou, como nós dizemos, foi que muito boa gente o tomou a sério, e chegou a ter medo d'elle, medo da sua lingua saborrosa e calumniosa, medo dos seus grandes olhos sempre inflamados, e da sua enorme luneta de vidros concavos, azues. Houve mesmo um momento, momento de terror, em que Laureano empunhou, em Lisboa, o sceptro

da critica, e usurpou o throno da consagração publica, que era já no Martinho, ao mesmo tempo que Camillo reinava em São Miguel de Seide. Foi o momento em que appareceu, e se espalhou aos quatro ventos da Baixa, o programma de uma campanha pamphletaria que Laureano concebera, e a breve trecho emprehenderia contra tudo quanto, em Portugal, indviduamente ostentasse fóros de instituição vidente. Era uma concepção grandiosa, como vês, e a esse tempo assustadora deversas, porque em Jacobjety se vivia sob um regimen de liberdade de tal de imprensa, de que só posso dar-te uma ideia muito pallida — e com oheiras — declarando-te que essa fartura de então era tão grande como a parcimonia de hoje. Pode dizer-se que esse foi, para nós, o tempo das piadas gordas. Ao *Espectro* de Antonio Rodrigues Sampaio succedera o *Trinta* de Cecilio de Sousa, e vieram depois o *Seculo*, com o Magalhães Lima, que tu já não conhecestes. Nesse arrial patuasco e liberrimo da imprensa, em que cada qual abria barraca para vender o seu peixe, teve o publico de Lisboa um dos seus passatempos favoritos, e ahi se habituou a esta consoladora descrença dos homens e das coisas, que ainda hoje lhe resta, como amortecido reflexo da aurea bamboceta...

Ainda vivia o Dallot do Theatro Infantil, onde eu passei algumas das tardes mais felizes da minha tenra infancia. O Theatro Infantil era o nosso theatro livre, onde sublim a scena, entre farrapos de lona, pregos de papelão e pyrotechnicos effeitos de fogos de Bengalla nos finais dos actos, as peças de Jacobjety, todas repassadas de uma moral muito mais dudivosa que a do João Felix Pereira, mas incomparavelmente mais divertida, e d'um alcance bem mais facil a todas as intelligencias. A pequenina mente de cada um de nós, dos da minha idade, que pela primeira vez entrava, inda em botão, naquelle risinho Theatro, accessivel a todo o feliz mortal que pudesse dispor de dois patacos, de lá sabia, ao fim do espectáculo, desabrochada com opulencia em todas as suas petalas. As revistas de Jacobjety eram, por assim dizer, a *mise-en-scène* descabellada, quasi em pelote, e englobada em tres actos, de quantos successos patuascos haviam dado brado, pela busina dos jornaes, no decurso do anno findo. A pessoa augusta e irresponsavel do Rei era atacada ahi, em allusões e satyras, com a mesma violencia com que ainda hoje se ataca algum tambor em festa. As figuras dos Ministros appareciam no tablado tão fielmente reproduzidas nos signaes physionomicos, na estatura e nos gestos, que, d'uma vez, um fallecido estadista a esse tempo Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e do Ultramar, tendo-se dado ao desfastio de ir ver a sua figura em scena, e andando, num intervallo, a passear no corredor, vira chegar-se a elle um homemsinho baixo, bexigoso, muito agodado, agitando um papel na mão, e que, tomando-o por um braco, pretendia empurrar-o, gritando-lhe esbafarido: — «Ande, homem, ande depressa, que o panno vaes subir...» E esse homem afflicto era, nem mais nem menos, o contra-regra da peça! Nas scenas das revistas do anno, como nos artigos e biscas dos jornaes, o pão era pão, o queijo era queijo, todas as coisas, enfim, como todos os factos, eram tratadas pelo seu verdadeiro nome.

Estas expressões benevolentes de agora, habitualmente empregadas nas decomposturas e verrinas chamadas «de luva branca», andavam longe da moda. Aquillo a que hoje se chama, ao fim de grandes rodeios, «a duplicidade de caracter de que é dotado o illustre homem de estado Hypacio»; ou aquella sabida «es-





cassee de escrúpulos que todos reconhecem, ainda mesmo os seus próprios correligionários, na pessoa do nobre titular da pasta das Pontes e Calçadas, supponhamos — era, a essa data, sem mais ambages nem busca de palavras vãs, esta simples coisa: patifaria, maroteira, pouca-vergonha! Um jornal bem conceituado, órgão de um dos partidos constitucionais, tendo no cabeçalho o nome de um ministro, publicava uma tarde certo artigo de fundo, que começava assim: «Arre, malandros!» e todo elle visava, quanto a um bom atrizador é possível visar o seu alvo, as sete individualidades onnipotentes dos membros do Gabinete. Ninguém retrucava, ninguém se considerava ofendido; a querella por difamação era uma coisa ideal. Dois ou tres duellios, que ficaram memoráveis, tiveram sua origem em méras questões literárias, debatidas entre amáveis adversarios mystificadores, que, a pretexto de liquidarem a pendencia no campo da honra, acabavam por improvisar, galhardamente, algum almooço no campo. Quem não queria ser lobo não lhe vestia a pele; e, quem se atrevia a vesti-la, ficava depois com um tal método d'ella, que não sabia já onde metter-se, para a ter bem segura. A vida nacional tornára-se uma verdadeira toirada. Ramalho e Eça, dando-se a alternativa, enterravam as suas *Farras* no cachaco amplo de cada ridiculo que saltasse na praça. Nos intervallos, Gomes Leal levantava-se do seu logar da bancada, esmurrava a atmosphera, e proclamava a *Traição*, sem graves consequências. O proprio general das Guardas Municipaes, terríveis na conquista das creadas de servir, obtivera do seu trato com o povo, complacente e alegre, esse inoffensivo, familiar diminutivo de: General Macedinho.

Foi neste momento que Laureano annunciou, pelas esquinas, a grandes letras vermelhas como pimentões, a proxima apparição dos seus pamphletos semanaes, ás terças feiras. Essa publicação nefasta, demolidora, terível, intitulou-se-lhe, impiedosamente — *O Pelourinho*. Emília da Neves, entrando nessa manhã no Theatro Normal, para o ensaio do *Alfamega*, apertava muito a mão ao actor Theodorico, e tinha a fraqueza de confessar-lhe este recio: — «Já sabe? O Laureano vai publicar um folheto todas as terças feiras. Estamos arranjados! É a sua voz tremia. Nesse prospecto do *Pelourinho*, Laureano estabelece em poucas palavras, succintas e succiduidas, o arrojado este paradoxo: «Encetando esta publicação hebdomadaria, o auctor emprehe uma obra bem maior do que foi a do Marquez de Pombal reconstruindo Lisboa: porque pretende, só elle, á sua parte, provocar o terramoto e promover depois a reconstrução...» Era medonho... como ameaça e como synthese.

Não procurarei occultar-te que a cidade experimentou, nessa manhã, a sensação angustiosa de um preludio de panico, e chegou a tremer nos seus alicerces, quando Laureano, apparecendo, como de costume, ás dez horas e meia, no limiar da porta da sua casa de hospedes da Rua dos Correioes, erguendo o nariz ao céo a informar-se do estado da atmosphera antes de pôr o grande pé na rua, teve para o céo, carregado, nebuloso, ameaçador de chuva, uma suja impregnação, e rosou entre dentes, concluindo: — «... Borra-me a chuva os cartazes! Decididamente anda tudo combinado pra me dar cabo da porca...»

Da espectativa angustiosa em que Laureano lançou, por esse annuncio, a alma da cidade, ainda vive hoje quem se lembre, com calafrios, como quem se lembra do terror de uma epidemia. Laureano foi, para Lisboa, durante alguns mezes, o perigo amarelo. E chegou a assignalarse então, na vida e no movimento das diversas classes, principalmente entre as chamadas classes directas, o phenomeno singular, exacto, admirável, de alguma evolução. E tudo isso era medo, verdadeiro medo, medo com todas as letras, que não são muitas, mas que são poderosas! Nas secretarias do Estado, nos estabelecimentos de instrução, nos quartéis, na família, na alfândega, tudo quanto d'an-

tes era desmesado, indisciplina, anarchia, dir-se-ia que por milagre se transmutara, d'um dia para outro, em pontualidade, ordem, rigor. Antigos funcionarios publicos, que toda a gente suppunha já aposentados, tal, tal e abandonado a que haviam votado os serviços da sua repartição, voltaram a assignar o ponto ás horas do regulamento. Contribuintes em atraso, com decimas relaxadas a ponto de já ninguem fazer caso d'ellas, foram vistos forçados a boca dos cofres das Recebedorias, muito prompts para pagar todos os addicionaes, juros de móra, relaxes. Estudantes da Polytechnica, que haviam attingido, numa enfiada de zeros, o maximo da tolerancia, reabilitavam-se, com estrondo, em licções de 16, 18, 20 valores! Chegou-se ao apuro de não apparecer uma senhora na rua, nem uma menina a uma janella, com medo de Laureano. E tão falado e temido chegou elle a ser, que ás creanças teimosas e rabinhas diziam as mães e as amas, arregalando os olhos: — «Olhe o menino que se não faz isto, ou se não faz aquillo, eu vou chamar o Laureano!»

Fassaram dias, decorreram mezes, sem que o pamphleto apparecesse, e pouco a pouco se foram serenando os animos agitados; tudo voltou aos seus eixos. Nunca se soube, porém, ao certo, por que razão imperiosa e mysteriosa o Laureano se sahira, d'aquellas entradas de leão, como um sendeiro. Correram varias versões, mas aquella, em que as minhas suspeitas mais fizeram finca-pé, foi a versão que segue: Laureano, que era, em materia de boa letra, um dos primeiros ornamentos da nossa burocracia, achava-se a esse tempo servindo, como amanuense, na Direcção geral das Contribuições Directas, onde a sua ausencia systematica chegara a ser notada, com escandalo, ás terças, quintas e sabbados. No dia em que apparecera nas esquinas o annuncio do *Pelourinho*, todos os collegas da repartição vieram cumprimental-o pela audacia, e procuraram informar-se, num natural antegosto, de queaes seriam as chagas sociais em que elle iria de preferencia pôr o dedo, nesse trabalho de critica. Laureano recostara-se na sua ampla cadeira almofadada de coiro, pontificara, ante os collegos boquiabertos, e dera com a lingua nos dentes o bastante, para que d'ahi á dois dias, voltando á Repartição, o continuo, melifluido, lhe segredasse ao ouvido esta coisa inquietante, á entrada.

— «O chefe quer falar a Vossa Senhoria...»

E quando Laureano assomara á porta do gabinete do chefe, tendo-se mal nas tamancas, d'esto modo, e em tom algo desusado, o chefe lhe fallara:

— «Tenho a prevenir o senhor de que ando pouco contente com o seu serviço e me acho muito disposto a propor superiormente a sua demissão. Esta coisa de só apparecer na Repartição ás segundas, quartas e sextas, tem de acabar um dia. Isto é uma troça, e eu não admitto troças! — o senhor ouviu? Eu não admitto troças!...»

Laureano procurara fazer passar uma desculpa, ensaiara um «mas»... O chefe, porém, içara os olhos para a testa, o que era tido por signal de tempestade tão certo, como quando no mastro do Arsenal se içava o camatocero; pregara um formidavel muro sobre o processo de recurso extraordinario em que começara a lançar a sua informação, e cobrira com dois berros a conjunção su-

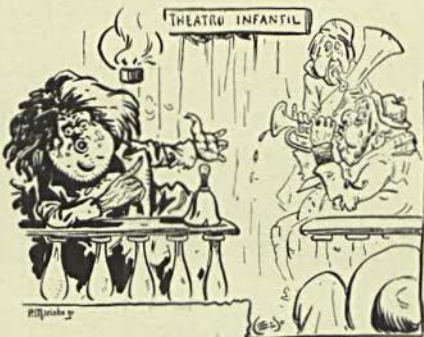
balterna do amanuense:

— «Aqui não ha mas, nem meio mas! Já lh'o disse! Irra, que estou farto de o aturar, ao senhor, e não posso, não devo, não quero! ouviu bem? Não quero aturar-o mais! Ficamos rios! ou o senhor passa a vir á Repartição todos os dias e a horas, ou vai para a rua, d'onde em lá hora veio. Mais nada. Póde retirar-se...»

Mas quando Laureano, atrapalhado com o caso, que parecia serio, ia a dar meia volta á direita para sahir por aquella mesma porta por onde havia entrado, o chefe dissera ainda:

— «E olhe ainda, o senhor! Quero tambem dizer-lhe que já me chegaram aos ouvidos uns zumb-zuns a respeito d'essa coisa de critica de costumes que anda pra ahí annunciada nas esquinas, com o seu nome por baixo, e tenho a prevenir-o mais do seguinte: livre-se o senhor de tocar, nem ao de leve, em qualquer assumpto que se refira a contribuições directas. Nem directas, nem indirectas! Póde retirar-se...»

Ora saberá tu que o *Pelourinho* devia, logo ao primeiro numero, atacar de frente este capitulo magno: «De como, muitas vezes, por meios indirectos, se póde fugir aos encargos das contribuições directas...» Laureano foi sempre notoriamente dotado de uma absoluta incapacidade para escrever



quatro linguados seguidos. O que do miolo do seu cérebro chegava a transmitir-se ao papel, pela phrase escripta, só nos vinha ao cabo de grandes, profundas e aniquiladoras lucubrações d'aquelle talento. Ao contrario de certos escriptores que adoptaram a divisa de produzir muito para produzir barato, Laureano só queria produzir pouco para produzir — o bom. Mas passava tormentos, para isso; e cada uma das suas produções assumia o caracter de um parto laborioso, em que a idéa tinha de ser, fatalmente, e depois de haver soffrido verdadeiros tratos de polé, arancada a ferros.

Laureano realisara, entretanto, e só Deus sabe com que sacrificio, todo o arrojado capitulo I. Passara-o a limpo, enchera dez linguados, lêra-o a

mesa, na casa de hospedes, a quem quizera ouvi-lo. E o que elle teria ainda para dizer depois! A seguir ás Contribuições Directas, o que elle teria a dizer a respeito d'Arte, a respeito de Lettras, a respeito de Politica — da nossa Politica! E os grandes problemas sociais, universaes, humanitarios! O *Pelourinho* teria sido um assombro! A semelhança de quem houvesse conseguido, um dia, essa coisa impossivel de metter o Rocio na Bitesga, elle teria mettido no Pelourinho — o *Unverso!*

Entretanto, o que já ninguém podia tirar-lhe, com essa mesma facilidade com que o *Chefe das Directas* o ameaçava de tirar-lhe o emprego, era a fama de homem de genio — *Uomo di genio* — que Laureano vira arrendar-se em volta da sua pessoa, como uma aureola.

O triumpho que não podera realizar pela palavra escripta, e que teria sido o seu mais bello sonho doirado, realisava-o elle, todavia, pela *piada* falada. A *piada*, que fóra sempre o seu fracço, tornou-se então o seu forte. Laureano foi, principalmente, um *piadista*; e nesse genero ganhou uma justa reputação de *piadista insigne*. Foi o temivel, foi o implacavel, foi o execravel Laureano! Citou-se Laureano — *tout court* — como ainda hoje se cita La Bruyère, ou La Rochefoucauld. E as suas *piadas* correram, esguicharam, esvoaçaram aos quatro ventos e aos quatro bairros da cidade, já como desopiantes, já como prophécias. Laureano attingiu esta coisa maxima: uma das suas phrases foi repetida no Parlamento, entre aspas, pelo proprio Fontes!

Actrices que debutassem, gymnastas que se exhibissem, pintores que expozessem, escriptores que apparecessem, cantores novos que viessem para S. Carlos, todos iam, reverente e incondicionalmente, implorar de Laureano a benevolencia da sua opinião, a complacencia da sua critica, a brandura do seu azorrague. Porque em multos d'esses momentos solemnes, quando a opinião publica, posta na presença de algum grande factio, hesitava ante a pateada ruidosa e a glorificação *à outrance*, era para elle que se voltava, aguardando um aceno, uma palavra, um signal, para glorificar o auctor, ou para enterrar a peça.

Admittindo que a opinião publica, na phrase d'elle, foi sempre, e hade ser sempre uma *claque*, Laureano era, a essa data, o chefe d'essa grande *claque*. Laureano foi então um Estado dentro d'outro Estado. Chegado a este ponto, guindado a esta culminancia, Laureano não se limitava já a dar pareceres, ou a expôr consultas: decretava leis. Laureano Houve por Bem! E de toda a parte choviam, sobre aquelle seu chapéu alto branco insepavel, benesses de toda a especie, contas pagas, bórlas de theatro, exemplares numerados, convites para jantares, cartas de namoro, ramos de flores, latos completos! — Sim, meu amigo, latos completos! O independente, o altivo, o inextinguivel Laureano comeu, bebeu, vestiu; teve frascos de perfumes e teve amantes; teve roupa branca e teve digestões regulares; e tudo isto durante muito tempo, sem passar outro recibo que não fosse o do seu parco vencimento de amanuense com descontos!

Vivia a dois carrinhos: á custa d'aquelles que o enchiam de favores para que a sua satyra os poupasse, e á custa d'outros que lhe pagavam a ceia, para que elle lhes deasse a honra de os descompor depois!

Pois, meu caro amigo: esse laureado Laureano, que Lisboa inteira tomou a sério, admirou e temeu, subitamente cahiu em desprestigio, sem se saber porquê, como nunca fóra possivel saber-se porque, tambem, a tão alto elle subira. E desde essa manhã infausta e nevoenta, em que elle teve o presentimento segão da *débacle* e se fechou em côpas, sem mais um dito, nem mais um trocadilho, nem uma *piada*, nesta persuasão tardia a que grandes genios tem chegado, depois de haverem realisado alguma vasta obra — «de que não vale a pena...» — Laureano não fez mais que acabar o seu *tempo de serviço* — na phrase com que elle proprio definia a Vida. Como se diz nos romances — Laureano morreu pobre. Pobre de dinheiro, pobre de gloria e pobre de talento. Oh! mas, sobretudo, pobre de talento! porque na sua carteira eslarapada encontraram-se ainda duas cédulas de tostão, e de toda a sua obra não resta, sequer, uma *piada!*

ALFONSO MESQUITA.



A uma mulher

(LOUIS BOUILLET)

A Alcibiades Furtado

Como brincavas quando amor me protestavas?
Tu mentias tambem, desgraçada? Que horror!
Mentindo, não a mim: a ti propria enganavas!
Tens sómente o perdão, podendo ter o amor.

Dou-t'ò grande e leal, qual foi minha ternura.
Nenhum pezar te reste: o que eu amava em ti
Era — queres saber? — minha propria loucura;
O que eu amava em ti, isso eu não o perdi.

A luz, com que brilhaste algum tempo, era minha.
Como outr'ora Jesus nas bodas de Chanã,
A agua em vinho, eu mudei de tua alma mesquinha
O tedio e a insipidez numa alegria sã.

Sempre foste, até mesmo em teus melhores dias,
Um violino banal, do meu arco á pressão.
Das guitarras no vão resoam melodias:
Fiz meu sonho cantar no do teu coração.

Esse sonho de amor só da minh'alma é filho.
Posso contal-o ao mundo e tu nome calar:
P'ra do nada extrahir seu passageiro brilho
Foi-me bastante crer, foi-me bastante amar.

Agora, eu parto; adeus! segue teu rumo, passa.
Deves de um alvo pô esse rubor cobrir.
O banquete findou quando exvasiexi a taça.
Se inda ha vinho... a bebel-o hão de os lacaiois rir.

Dr. Gomes da Silva



phica, se vê que o illustre medico tem dedicado a sua vida ao trabalho e ao estudo. O Dr. Gomes da Silva ineurgiu-se contra essa grande corrente e tratou de justificar as suas opiniões, estabelecendo-se grande controversia.

Alguns artigos que o dr. Gomes da Silva escreveu acerca da epidemia provocaram, como era natural, a admiração e a sympathia dos seus conterraneos, porque n'elles o dr. Gomes da Silva discutia a enfermidade e concluia por dizer que não era a genuína peste bubonica o mal que se propagava no Porto.

A sua auctoridade como medico, que tinha assistido a epidemias desta natureza nas regiões onde a peste é endêmica, tornava-se indiscutivel e, por isso, facilmente se comprehende o effeito das suas palavras.

Entretanto essa opinião, embora muito contradictada, constitue um dos traços proeminentes do seu caracter, e o *Brasil-Portugal*, collocando o dr. Gomes da Silva na já vasta galeria dos seus homens de valor, tem o prazer de apresentar o illustre medico aos seus leitores apoz a formosa consagração que lhe acaba de ser feita na sua terra.

Bando, pois, o retrato do dr. Gomes da Silva, o *Brasil-Portugal* paga tambem o seu tributo de admiração áquelles que se tornam dignos de premio e se elevam pelo trabalho a planos superiores, onde a opinião publica colloca os illustres e os bons.

Galeria da Imprensa



Bento Carqueja

Foi o fallecido e sempre lembrado Manuel de Sousa Carqueja quem primeiro pensou em fundar um periodico que se consagrasse aos interesses do Porto, é que, independente, isento portanto de pressões partidarias, tratasse de todos os assumptos economicos e politicos, que se prendessem com o desenvolvimento moral e material da nação.

Em uma cidade tão importante, como a do Porto, pelo seu movimento commercial, fazia-se bem sentir a falta de um jornal em que os interesses importantissimos do commercio fossem defendidos e apreciados. Não faltou quem de bom grado auxillasse Sousa Carqueja no seu

benemerito intento. Foi Henrique Carlos de Miranda, advogado e proprietario, o companheiro de Sousa Carqueja na empreza do *Commercio*, titulo com que appareceu em junho de 1853 o primeiro numero do jornal, que é hoje uma força.

Em 1855, o *Commercio* suspendeu temporariamente a sua publicação para, pouco depois, reaparecer muito melhorado e ampliado, com o titulo do *Commercio do Porto*, que hoje conserva, tendo-se de então para cá tornado o verdadeiro órgão dos mais caros e mais legitimos interesses da Praça do Porto, e um jornal que honra a imprensa.

Tem como collaboradores as primeiras notabilidades do paiz, e nas suas columnas apparecem sobre todos os assumptos, portuguezes e estrangeiros, artigos imparciaes, cheios de interesse.

Manuel de Sousa Carqueja falleceu em 21 de outubro de 1884, tendo visto corôada do melhor exito a sua obra, que tantos e tão importantes serviços prestava ao Porto, e deixando como successor, na sua gloriosa tarefa, seu sobrinho Bento Carqueja, que tem sabido manter o *Commercio do Porto* na independencia, na cordura e no alto valor jornalístico que o tornaram um dos mais estimados e dos mais interessantes periodicos do paiz.

Bento de Sousa Carqueja, hoje director e proprietario do *Commercio do Porto*, é um jornalista distinctissimo, um director sollicito, dedicado e energico, e, professor da Academia Polytechnica do Porto, tem a consagração dos discipulos.

O dr. Gomes da Silva, de quem damos o retrato, acaba de receber uma grandiosa consagração dos seus conterraneos que, sob a apparencia de uma homenagem sincera e cordial, enalteceram por esta forma as qualidades do brilhante medico portuense. O Porto, com effeito, devia a este distincto homem de sciencia as attentões e cuidados que lhe mereceu a causa dos habitantes da segunda cidade do reino, a braços com uma difficilissima situação. Foi para elle mais do que motivo de estudo e de curiosidade scientifica o exame de uma enfermidade tão sua conhecida e tantas vezes analysada nas regiões proximas áquellas nossas possessões, onde o illustre medico foi por alguns annos chefe do serviço de saúde.

Esta homenagem feita ao dr. Gomes da Silva é uma nota da gratidão de um grande numero de industrias e commerciantes do Porto e representa ao mesmo tempo a justa consideração em que é tido o seu nome n'aquella cidade. O dr. Gomes da Silva residiu por largo tempo em Macau e Timor, como medico militar e como professor do lyceu Nacional e do seminario Diocesano de Macau.

São innumeros os serviços prestados pelo dr. Gomes da Silva durante a sua permanencia no ultramar. Bastantes elogios e honorarias recebeu por diferentes vezes, em que se distinguia a sua coragem como medico e a sua dedicação como homem.

Entre esses serviços foi, sem duvida, o mais importante a defeza de Macau, que o illustre medico conseguiu deixar indemne apesar da peste grassar com toda a intensidade em Hong-kong.

O dr. Gomes da Silva recebeu honrosissimos louvores e foi condecorado por diversas vezes com as medalhas da Torre e Espada, medalha de ouro humanitaria, medalhas de comportamento exemplar.

Mas alem d'estas veneras officiaes, que podem attestar a lista de serviços que o dr. Gomes da Silva tem prestado durante a sua permanencia no ultramar, conta-se na sua bagagem scientifica um grande stock de livros que deu á estampa, não falando de varios artigos em jornais de intenção puramente litteraria. Entre os principaes podemos destacar: *A epidemia do cholera morbus, A provincia de Macau e Timor, Viagem a Siam, Relatório sobre Macau e Timor, Rapport Semestral de Lepa, Timor, — as pesquias na região austral, O combate de Ayacu, O serviço de saúde, A epidemia da peste em Macau, La peste bubonica à Macau, Essais sur le Verus Jersin dans le traitement de la peste, etc.*

Por estes traços principaes, rapidamente feitos sem intenção biographica, o Porto teve occasiao de apreciar a sua dedicação quando as aucto-

O Commercio do Porto



A penna offerecida no Porto ao Dr. Gomes da Silva

Em um dos ultimos dias do anno findo, fez-se uma imponente manifestação ao dr. Gomes da Silva, festa, por todos os titulos, notavel. Essa manifestação promovida pela Associação Industrial Portuense, com a collaboração da Associação Industrial do Norte e da Associação de Unção dos Ind. de Classe dos de grande ca-

acter de homenagem pelos variados elementos que se congregaram para a tornarem luzida e pomposa. Teve uma grande significação essa festa: premiar o caracter e o valor do homem, que, abandonando o remanso e o socego do lar, a que tinha jus, no regresso á patria, apoz longa estação nos climas damninhos do ultramar, arcou com extraordinarias malsinações, por dizer o que sentia a respeito da peste, visto que a sua opinião era contraria á de todas as outras sumidades do paiz.

O dr. Gomes da Silva recebeu na homenagem dos seus admiradores e amigos inequivocas provas de consideração e estima, e essa festa pelas condições em que se deu, pelos elementos que a ornamentaram, ficará no espirito do esclarecido medico como uma das noites de maior gloria da sua vida.

Com effeito, o dr. Gomes da Silva sentira-se commovido perante aquella exuberancia de estímulos e de elogios de que foi alvo.

Entre os principaes attractivos d'esta festa eloquente e significativa, especialisar-se-ha um brinde de innarravel valor artistico, obra concebida pelo encantado lapis de Raphael Bordallo Pinheiro.

Esse brinde é realmente notavel sob todos os pontos de vista; de uma elevada concepção, representa ao mesmo tempo o admiravel labor de artistas portuquezes.

Os nossos leitores podem fazer ideia da belleza da composição do inspirado desenhador e dos conscienciosos joalheiros que a realisaram pela gravura que inserimos.

Ella nos mostra duas figuras allegoricas que são de uma delicadeza e de uma execução pasmosas; assentam ellas sobre as bordas da penna: uma é a nerva que representa a Sciencia e symbolo, em que encarna a Indus-
deusa Mi-
a outra é um
tria. Tanto uma
como outra definem e congratam as qualidades primordias do medico e a admiração d'aquelles a quem a sciencia poude prestar valiosos auxilios, como os que o dr. Gomes da Silva prestou ao commercio e industria da sua terra natal.

A primeira figura vê-se enroscada uma serpente, toda cravejada de diamantes, em cuja cabeça arde e fulge, em toda a scintillação, um unico diamante cor de canario de alto preço e raridade. A maneira como está lançado o reptil, enlaçando-se

as duas figuras demonstra que o habil artista, que o executou, teve um verdadeiro momento de felicidade. A segunda figura prende n'uma das mãos uma roda dentada e na outra uma palma cravejada de esmeraldas, da qual pende por seu de ouro esmaltado em que se lê
legenda: — «Ao dr. Gomes da Silva — A Associação Industrial Portuense.» — Sobre a base ostenta-se o brazão da cidade do Porto, cuja factura é delicadissima. salientando-se magnificamente todos os seus pormenores, que são artisticamente abertos.

O collar da Torre e Espada rodeia todo o brazão e é completamente solto, dando á conjunção um relvêo extranho que muito o faz sobresalir, accentuando bem nitidamente todas as aptidões dos artistas que realisaram tão melindroso como encantador trabalho.

A corôa é cravejada de rubis, esmeraldas e perolas. Como se vê, este delicado brinde constitue uma offerta verdadeiramente principesca e por elle se podem avaliar as raras qualidades dos profissionais ao serviço nas officinas de ourivesaria dos srs. Reis & Filhos. Depois, todo este magnifico producto é encerrado em eserinio condigno, que é tambem uma verdadeira obra de arte impondo-se não só pelo feito como, tambem, pela originalidade. E' todo executado em ebano, tauxiado e com applicações de prata fosca que dão uma ideia do estylo da Renascença. Na parte superior vê-se o monogramma do dr. Gomes da Silva, o qual é todo em rubis guardado de prata. Assenta sobre uns pés esphericos igualmente de prata e o interior é revestido de pellicia carmezim.

Este delicado objecto de grande merecimento faz honra á conceituada joalheria dos srs. Reis & Filhos, e torna-a por isto mesmo credora de sinceros e justos encomios.

Esteve esta verdadeira obra de arte por alguns dias exposta nas vitrinas da conhecida joalheria dos srs. Reis & Filhos e toda a imprensa se referiu a essa primorosa execução com elogios que deviam proporcionaros orgulhos áquella casa. *Brasil-Portugal* tem por esta forma,

sinceros
cionar justifi

Os leitores do
ma, mercê da photographura, o prazer de apreciar este melindroso resultado dos esforços dos artistas portuquezes que rivalisam, por certo, com os melhores dos outros paizes.

Tal foi o brilhante e pomposo brinde que alguns industrias portuenses offereceram ao dr. Gomes da Silva por occasião da sua estada no Porto, na mesma sessão solemne, em que o illustre homem de sciencia recebeu dos seus amigos e admiradores as mais brilhantes provas de estima e consagração.



O Theatro moderno dos scandinavos⁽¹⁾

O DRAMA em tres actos (em verso) *Catilina*, foi, como o proprio Ibsen o declara no prefacio da segunda edição, a sua estreia na carreira litteraria. «Escrevi-o», diz o auctor, «no inverno de 1848-49, portanto no vigesimo primeiro anno da minha idade. Vivia eu, então, em Grimstad (?), obrigado a ganhar por minhas proprias mãos o necessario para meu sustento e para os estudos preparatorios exigidos no exame de admissão da universidade. Os tempos corriam fortemente agitados. A revolução de fevereiro, a revolta na Hungria e nos outros paizes, a guerra de Schleswig-Holstein, tudo isto exerceu poderosa influencia no meu desenvolvimento intellectual e imprimiu-lhe grande impulso, comquanto muito posteriormente, ainda estivesse incompleto...»

«Em summa: em quanto lá por fora avançava impetuosamente uma epocha nova, estava eu em pé de guerra com a pequena sociedade onde vivia, constringido por exigencias materias e outras circumstancias da vida. Tal era a minha situação quando, a estudar os preparatorios, li o *Catilina* de Sallustio, e as orações de Cicero contra aquelle romano (2). Devorei estes livros, e alguns mezes depois, estava concluido o meu drama.»

«O meu drama foi escripto no silencio da noite. Via-me obrigado a roubar o tempo do estudo, conforme podia, ao meu bondoso patrão, excellentes pessoa, mas muito rigoroso em tudo o que dizia respeito á sua botica. D'aquellas horas ainda desviava alguns minutos para poetar. Era assim, a noite, o unico tempo que me ficava livre; era d'ella que eu me valia. Por pouco não me convenço até, que vem d'aí o facto de se passar durante a noite quasi toda a acção do meu drama.»

Já n'esta obra ressaltam as idéas politicas e sociaes do auctor, mais tarde sustentadas e desenvolvidas em trabalhos de merito superior. Para Ibsen, *Catilina* é um idealista revoltado; um homem que se empenha calorosamente pela causa da liberdade, inimigo de todos os que commettam injustiças, inimigo dos oprimidos e dos fracos. Vê a immensa corrupção do meio em que nasceu; ode a tyrannia e a injustiça camplam mais cruéis do que nunca; Roma conserva o titulo de republica porém os seus cidadãos não são mais do que escravos agrihoados, gravados, sem liberdade. Não é todavia tão resistente ao influxo d'essa atmosfera viciada que logre impôr-se e dar o golpe da morte nos desmandos que o indignam.

Ibsen confessa que só tinha lido as obras dramaticas de Holberg e de Oehlenschläger quando escreveu a *Catilina*. E de facto, tanto n'esta peça, como nas da sua primeira maneira avulta a influencia do auctor de *Hakon Jarl*; o que não causaria espanto, porém, se não estivessemos em presença d'um genio, seria a afinidade, embora remota, entre o final do *Júlio César* de Shakespeare e o do *Catilina*.

Apesar da interressa dedicada de um amigo, este drama não foi accedido por nenhum theatro da peninsula escandinava. Esse mesmo amigo imprimiu a obra á sua custa, por falta absoluta de editor. Entre o elemento academico, encontrou sympathias e admiradores a estreia de Henrik Ibsen. A edição, porém, n'um momento de apuro para o auctor e do desinteressado amigo, passou por vil preço ás mãos d'um mercieiro. Quem diria a Ibsen, n'essa hora angustiosa, que um dia theatros e editores disputariam as suas obras a peso d'ouro!

O segundo trabalho de Ibsen foi o drama em um acto *Kamphøien* (O monte dos humos) tambem em verso. Tanto na escolha do assumpto como na maneira de o tratar, submettem-se á tutela dos dois mestres acima citados. *Vikings*, um rei dos mares noruegues, um velho eremita e uma joven meridional, taes são os personagens. A scena passa-se em uma pequena ilha perto da Sicilia, pouco antes do estabelecimento da Christandade na Noruega. A obra não foi impressa, — (o destino do *Catilina* não era realmente animador,) — mas subiu á scena no theatro de Christiania, tres unicas vezes. Depois de algumas modificações introduzidas pelo auctor, voltou á scena quatro annos depois em 1851, e em 1856, sob a forma hoje conhecida e impressa.

E' evidente que Henrik Ibsen ficou desanimado, e não quiz entrar outra vez em campo sem retemperar as forças durante quatro annos. O resultado foi brilhante. *Fru Inger til Ostraa*, é sem duvida alguma um trabalho de pulso, patenteando aptidões e um adiantamento impossiveis de prophetizar á vista do *Kamphøien*.

A acção da *Fru Inger til Ostraa*, — A fidalga de Ostraa, diriamos

em nossa lingua, — passa-se no anno de 1528 no solar de Ostraa. Os personagens que a sustentam quasi exclusivamente, — a fidalga, sua filha Eline e Nils Lykke, — bem como os restantes, são historicos, é certo, o drama pinta-nos o estado de apathia da Noruega no principio dos tempos modernos, a intriga, porém, meio politica, meio amorosa, não tem base historica.

Na technica theatral ainda notamos algumas deficiencias, mas largamente compensadas por lances e scenas de grande effeito dramatico, revelladores de energia poetica, não vulgar.

A fidalga é argumento a favor d'um principio sustentado por Ibsen nos seus dramas mais notaveis: a creatura superior veio ao mundo para cumprir uma missão; não lhe é licito furta-se a cumprila, embora o consiga tão somente á custa de enormes sacrificios, soffocando inclinações, sentimentos, alegrias, a que poderia entregar-se ou proporcionar a outrem.

A protagonista d'este drama tem uma filha legitima, Eline; mas afastou-se da sua missão e é mãe d'um filho que não pôde reconhecer. Este filho, em poder de inimigos, é origem das constantes iniquidades da fidalga, é o grande obstaculo á realisacão da sua empreza. Em Eline Gyldenløve, depara-se-nos a primeira figura d'essa soberba e adoravel galeria de caracteres femininos creados pelo auctor da *Casa de Bonecas*.

O primeiro exito theatral alcançou-o Ibsen, todavia, com a sua quarta producção, o drama em tres actos *Gildet paa Solhoug*, (A Festa em Solhoug) escripta no verão de 1855, na cidade de Bergen, conforme elle declara no prefacio da segunda edição.

«Era eu, n'esse tempo, *instructor* (1) do theatro de Bergen, e portanto dirigii pessoalmente os ensaios da minha peça. Teve uma interperação excellentes, rara de conseguir tão perfeita. A peça foi representada com boa vontade e dedicacão, e assim foi tambem recebida pelo publico.»

A Festa em Solhoug pareceu, á critica, inspirada pelo drama de H. Hertz *Svend Dyrings Hus*, Ibsen protestou contra essa insinuacão no prefacio á que acima nos referimos. E' curioso, por mais de um motivo, o estado da critica litteraria e theatral n'aquella epocha, humo-risticamente descrito pelo punho de Henrik Ibsen. Traduzimos fielmente as suas palavras. «Como se fazia n'aquelle tempo, — refiro-me aos annos de 1850 até 1860 approximadamente, — um verdadeiro critico litterario, e especial-mente um verdadeiro critico theatral? «O processo, em regra era este: De-«pois de alguns exer-«cicios preambulares na *Folha da Sociedade*, e depois de entrar frequen-«tamente nas discussões que eram d'uso, depois do theatro, «no *Café Treschow* ou em casa de Ingebrøt, o aspirante critico apre-«sentava-se na livraria de John Dahl e recommendava de Kopenhagen «um exemplar dos escriptos em prosa de J. L. Heiberg, entre os «quaes, segundo ouvia dizer, se encontrava um *Estudo acerca do vau-«deville*. Este estudo era lido, meditado com profunda concentracão «de espirito, e ás vezes, por ventura, comprehendido em parte. Por «meio d'aquelles escriptos ficava-se informado dos pormenores de «uma pendencia litteraria sustentada em Sorø, no seu tempo, por «Heiberg com o professor Oehlenschläger e o poeta Hauch.

(Continua.)

FREITAS BRANCO.



Uma scena do drama *A festa em Solhoug* (O final do 1.º acto).

«cios preambulares na *Folha da Sociedade*, e depois de entrar frequen-«tamente nas discussões que eram d'uso, depois do theatro, «no *Café Treschow* ou em casa de Ingebrøt, o aspirante critico apre-«sentava-se na livraria de John Dahl e recommendava de Kopenhagen «um exemplar dos escriptos em prosa de J. L. Heiberg, entre os «quaes, segundo ouvia dizer, se encontrava um *Estudo acerca do vau-«deville*. Este estudo era lido, meditado com profunda concentracão «de espirito, e ás vezes, por ventura, comprehendido em parte. Por «meio d'aquelles escriptos ficava-se informado dos pormenores de «uma pendencia litteraria sustentada em Sorø, no seu tempo, por «Heiberg com o professor Oehlenschläger e o poeta Hauch.

(Continua.)

(1) V. os numeros 8, 10, 14 e 18 do *Brasil-Portugal*.

(2) Era praticante de pharmacia, Grimstad, n'essa epocha, tinha uma populacão pouco superior a 100 habitantes.

(3) Referese a *Bellum Catilinarium* de Sallustio, e ás orações de Cicero in *Catilinam*.

(4) O *Instructor* scandinavo não só é director de scena e director litterario, como tambem lhe é licito escrever para o theatro sob a sua gerencia.

N. B. O auctor não reviu as provas dos numeros 8, 10, 14 e 18, por isso escaparam alguns erros importantes, que abaixo seguem com as respectivas emendas:

no 10.º — onde se lê no seculo xix, leia-se na 1.ª metade do seculo xix.
 « — Racini — Racine; Olaus Petri — Olaus Petri.
 « nota — *Gerchichte* — Geschichte.
 « — *Tycho Barke* — Tycho Brahe.
 no 10.º — R. Gottschald — R. Gottschall.
 « — da obra genial do Sweet Swan of Avon, até ao fim do periodo, leia-se «da obra genial do Sweet Swan of Avon contribuisse para empalmar-se o otimismo do auctor dinamizarque.»
 « nota (4) 1a trunderts — Jahrhunderters.
 no 10.º — Ochlen: culaeger — Oehlenschläger.
 « — je n'ai pas pu — je n'ai pas su.
 « nota (5) Est Spora — Spører.
 « — Eventyr naa — Eventyr paa.

THEATROS

S. Carlos

O primeiro grande successo da temporada, este ano, estava reservado para os *Perlianos*, cuja exhibição coincidiu com a reaparição da eximia cantora portugueza, Regina Pacini. Esta recita foi positivamente um encanto, pela artistica afinação, pelo extra ordinario

certado e excessivo, mórmente no 3.º acto; e na *Manon* apresentou-se o tenor Colli, nosso antigo conhecido, mas que d'esta vez não conseguiu agradar, talvez porque a parte de *Déjazet* é pouco fértil em effeitos para o publico.

Seguidamente porém ao *Lo-hengrin*,ahi nos deu a companhia uma gloriosa *réunion*. Tivemos o *Barbeiro de Sevilha*... um *Barbeiro* phenomenal, arrebatador, divino, — diríamos mesmo, unico, se n'este illustro o não tivéssemos já ouvido. — quem é que se não lembra? — pela Patti, Masini e Cotogni. Foi um *terceto* este, que ficou lendario; pois agora tivemos mais, tivemos um *quartetto*, igualmente de



Maria Pia d'Almeida
(Do theatro D. Amalia)

rio *entrai* do conjunto, e tambem por galhardamento nos revelar, na assombrosa plenitude dos seus dotes vocaes, o grande mérito da nossa illustre compatriota, hoje sem contestação o primeiro soprano ligeiro em todo o mundo.

Estamos certos de que nunca entre nós, como agora, tão bella e superiormente se interpretou essa deliciosa partitura, mais opulenta que a *Norma*, tanto ou mais ideativa que a *Som-*

ambulata, constituindo assim, ao mesmo tempo, o canto do cyano e a mais inspirada e completa composição do famoso melodista italiano. O seu desempenho foi d'esta vez confiado a um *quartetto* de primeira ordem — Regina Pacini, tenor Bonci, barytono Sanmarco, e baixo Perelló. Este foi, como sempre, distinctissimo; a agradável voz de Sanmarco presta-se admiravelmente ao canto de estilo melodico; Bonci houve-se por forma que parece para elle fora expressamente escripta a parte de *Arturo*.

Mas a maravilha, o encanto, o grande clou da noite foi o desempenho da nossa Pacini. Que suavidade e viveza de tons, que prodigios de vocalização, que

primeira ordem. — Pacini, Bonci, De Luca e Perelló — realizando uma d'estas eurythmias raras de perfeição, como só, muito excepcionalmente, os mais habéis e felizes empresarios conseguem reunir.

N'esta opera a sr.ª Pacini revelou-se nos equal, senão superior, aos *Perlianos*. A segurança e nitidez da sua vocalização, na rapida vivacidade em que decorrem, chegam a enusar asombros. Não ha certamente hoje outra garganta humana, conhecida, não ha instrumento nenhum que com mais rapidez e exactidão execute uma escala, quer seja continua ou *staccata*. E o cumulo do virtuosismo. Nunca essa emagarradora série de passagens de grande agilitade, — o duo com o barytono, a *crescenda*, as variações de Proch, a canção do Myeli, — foram em S. Carlos interpretadas por esta daquelle trecho de prova das cadencias com a flauta, tão briosamente, tão atinadamente executado, aconteceu-nos esquecer por completo, deixar que o entusiasmo nos deliasse da memoria, esse outra impressão, que nós suppunhamos indestructivel, essa memoravel noite em que, no mesmo ponto, a plateia toda espontaneamente se ergueu a applaudir com delirio a Patti, que, incansavelmente, tendo já feito callar, de fadiga, a flauta na orchestra, para ali se esquecera a vocalisar, a vocalisar e a chilrear sem fim...

gamma colossal de arduas difficuldades vencidas! A sua voz, conservada fresca de outr'ora, ganhou em vando, pura e intacta, a crystallinidade fresca de outr'ora, ganhou em volume e extensão no registro grave, em elasticidade, em pastosidade, em bravura. No *duetto* com o baixo, no *quartetto*, na *polacca*, na grandiosa *aria* do 2.º acto e no *duetto* do 3.º. Regina Pacini foi admiravel, completa, perfeita, dando-nos uma culminante impressão de arte, e evocativamente transportando ás involuáveis noites do periodo aureo de S. Carlos a alma deliciada e extatica dos mais ferrosos e antigos habitues do theatro.

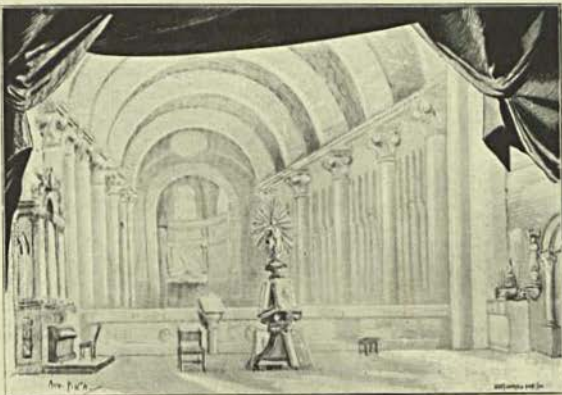
Tambem, este exito colossal dos *Perlianos* contribuiu para que n'um relativo *insuccesso* naufragassem as tres operas que se lhe seguiram. *André Chénier*, *Manon Lescaut*, o proprio *Lo-hengrin*, — apesar de confiado este a Parisi, Ferrari, Giarelli, Sanmarco, De Luca e Carozzi, — não conseguiram aquiecer o publico nem chamar concorrência. Na primeira d'estas operas, reapareceu Delmas, que nos pareceu um pouco descon-



Augusto de Mello
(Do theatro D. Maria)



João Rosa
(Do theatro D. Amalia)



Scenario do 2.º acto da *Mein welle*...

Vamos ter brevemente a *Bohemia*, de Leoncavallo.

Com referencia á direcção da orchestra, voltaremos a dizer, apesar da nossa insufficiencia tecnica, que a continuamos a achar incerta, e por vezes com andamentos pelo menos desastrosos em relação ao que se tem ouvido em épocas anteriores.



Amelia Pereira
(Do theatro D Amélia)

é por equal agradável constatar que o publico, este justiceiro inconsciente, lhes premia de vontade e esforço, em massa concurindo ali aos espectáculos.

O *Mercadet*, admiravel e subtilissimo estudo das arguciosas villanias do mercantilismo moderno, é uma peça classica, consagrada, tendo portanto todo o direito a ser posta em pé no tablado da nossa primeira casa de declamação. No entanto, o seu valor artistico é desegual; aquelle monotono leuol de analyse, pelo qual se abraça todo o 1.º acto, contrasta com a pyrotechnia banal do ultimo, e pro, por habilidades de mau gosto e processos quasi diríamos de magia, tudo imprevisivelmente se acomoda, precipita e compõe. E' o resultado da collaboraçã de D'Ennery, que, levado da cemesinha preoccupaçã de carpintear effeitos scenicos, desconjunctos não raro a harmonia colossal d'aquelle arabesco, tão humano e tão profundo.

O desempenho, repetimos, é muito bom, salientando-se Augusto Mello, que faz o protagonista, — papel creado em Paris, no Theatro Francez, por Got, — e a que aqui, este nosso illustrado actor felicissimamente applicou o melhor de suas facultades e aptidões. Multissimo bem!

D. Ametia

Meia noite

Era ha muito esperada com interesse esta nova produçã theatral do sr. D. João da Camara, a qual se dizia ser bordada d'um vago lyrismo transcendente, a que, certo, as melindrosas condições da fina sensibilidade essencial do dramaturgo ao prestariam o mais suggestivo relevo. Agora veio a primeira representaçã da peça, e todos tivemos occasião de verificar que, em parte, a *Meia Noite* reúne as adoráveis qualidades que, os ammiradores do bello talento do auctor lhe futuravam.

Mas foi afinal a demasiada affirmaçã, o excesso d'essas mesmas qualidades que, como obra theatral, a prejudicou. — A' acanhada *Pantano*, a *Meia Noite* é filha d'uma concepçã nebulosa, torturada, extranha, parece uma oppressiva creaçã de pesadillo... alienada fuga d'um espirito, ávido de ideal, pelas illuminadas paragens distantes do sonho e da incerteza. D'ahi o faltar-lhe a indispensavel objectivaçã scenica. Incoherentes e fugazes, aquellas personagens, que uma ancida febre de perfeiçã gerou, que uma especie de illuminismo seraphico adolcira, attenua e agita, não tem consistencia no palco, á dura luz da ribalta evolvem se e desfazem-se, deixando na fugidia linha do seu rasto a marca d'um cunho artificial e ephemero.

Falta-lhes assim, para se manterem no theatro, o realismo da sua affirmaçã plastica. Falta-lhes mais: falta-lhes mesmo, ideativamente, a realidade, a vida. Não figurar, algumas, falsas, illogicas... Aquelle organista, por exemplo, se no drama nos apparecesse inconscientemente suggestiva pelo ambiente liturgico e mystico da Sé, seria admiravel; tal porém como o dramaturgo nol' offerece, paradoxalmente raciocinando a propria alienaçã, é uma phantasmagoria. E prejudica ainda a *hominidade* d'aquella atuada familia de somnambulos o seu modo mesmo de expressã: um pretencioso rebuscar de sonoridades sem alcance, de imagens, repetições e obliterações, — novo genero de rhetorica, este que devemos a Maestberink, — as quaes não fazem senão, pelo artificio e o requinte, mais e mais siguinter de nós figuras já de sua origem riscadas nas nuvens.



M.ª Hilda
(Do Colyseu dos Recreios)

D. Maria

Mercadet

Uma excellente peça, — a melhor, a unica que logrou fazer carreira, — do grande Balzac, muito correctamente traduzida, com um desempenho escrupuloso e harmonico; quer dizer, mais uma bonita prova da inexcusable prohibida artistica com que está sendo feita a exploraçã do theatro.

E' veras agradável de vêr a intelligencia, o cuidado, o meticoloso afan com que os actuaes sociarios do theatro de D. Maria procedem, na organisaçã do seu repertorio, mostrando assim uma capacidade equal á sua exacta comprehensã das graves responsabilidades que assumiram; e



Theresa Mattos
(Do theatro da Trindade)

que uma companhia escolhida por Santos Junior e dirigida por D. Juan Molina, e tendo um repertorio em que figuram alem de peças novas, algumas das zarzuelas consagradas pelo novo publico, não pode deixar de *ressair* em toda a linha, contando por cada espectaçã um triumpho.

Não ha genero que mais agrade á maioria do nosso publico de que o das companhias hespanholas. A belleza das mulheres, a vivacidade dos actores, a alegria da musica, o chiste das zarzuelas, — predica dos sem as quaes uma companhia hespanhola, não é... companhia, tudo se ha de reunir na que vai de butar no Colyseu.

Em que pese a Brunetiere, as conquistas positivas do seculo são um facto e tomaram solidamente posse dos espiritos, que nunca, como transumpto da Vida, — e eis o que é o theatro, — poderão jámais accovitar d'ora avante anseios de poetas ou divagações de philosophos.

Entretanto, e dentro d'esta sua moldura estorica, o ultimo trabalho do fidalgo talento de D. João é uma obra de artista; achando nós mesmo n'elle uma figura, o congo, que é uma creaçã per feita, digna de enfileirar ao lado d'essa immorredouras composições d'*Os Velhos*.

Para a *Meia Noite* pintou Augusto Pina (2.º acto) um trecho de scenographia soberbo.

E deixamos assim rapidamente apontados os factos theatraes culminantes da semana. No mais: o Gymnasio prepara para breve, em beneficio de Cardoso, uma peça nova; a Trindade montou com *sucesso* o *vandeville* «Tres mulheres para um marido», em que se especializou a actriz nova, Maria Costa; a Rua dos Condes apra a primor *O poeta de Xabregos*; o theatro do Rato, que é um barraco desmontavel, vai interromper os espectaculos para mudar de local; na Avenida seguem os ensaios da *Viagem de Smette*; e, finalmente, parece que, para o Carnaval, terenos na Avenida ou no Colyseu da rua da Palma, uma curiosa revista de typos, acontecimentos e costumes.

O Principe Real deu nos o *Sineiro de S. Paulo*, peça no genero das anteriormente representadas n'esta epocha.

Colyseu dos Recreios

Le roi est mort. Vive le roi!

Foi-se a companhia do circo, vem ahi a companhia de zarzuela e de vaudeville. E o que vale, felizmente, é que é de pouca dura o intervalo entre as duas, visto que para muita gente a frequencia do Colyseu, theatro ou circo, se torna uma necessidade imperioza que, para o Foram-se, para bem perto de nós, para a segunda cidade portugueza, as divyas da arena, as *écuyères* provocantes, os clowns engraçados, as arrojadas gymnastas.

Vivam e brilhem por longo tempo as estrelas da zarzuela!

E ha-de viver e brilhar por longo tempo, por escolhida por Santos Junior e dirigida por D. Juan



M.ª Miniglo
(Do Colyseu dos Recreios)

ou não fosse Santos Junior o empresario!

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Uma guerra na Africa Austral—Augusto de Castilho,
Largo do Conde Barão, 50

Páginas supplementares: Off. Estevo Nunes & F.ª
Rua d' Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castanhêiro
Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directora

Augusto de Castilho, Jaime Victor, Lorjô Tavares

Editor

Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua Ivens, 55
LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	(moeda brasileira.....)	Anno.....	78000	Anno.....	88000
Numero avulso	48500	6 mezes.....	42000	6 mezes.....	85000
		3 mezes.....	23000	Numero avulso.....	53000
		Numero avulso.....	8400		

SUMMARY

Chronica—Ramalho Ortigão.

A guerra na Africa Austral—Augusto de Castilho.

A Morte—Versos de Campos Oliveira.

Alves Corria.

A defeza do ouro—Adrião de Selvas.

Exposição de Castilho.

O Lauraeiro—Alfredo de Mesquita, com illustrações de Celso

Hermínio.

A uma mulher—Versos de Valentim de Magalhães.

O dr. Gomes da Silva.

O Commercio do Porto.

A penca offerecida ao dr. Gomes da Silva.

O theatro acadêmico—Fretas Branco.

Theatro—Abel Botelho.

Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.

Lorjô Tavares.

Sciencia facit—Oraval.

Recetas.

Cariedades.

Horas d'ocio—F. A. de Mattos.

CANTAZ DA QUINZENA

48 ILLUSTRAÇÕES

OS Nossos CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul: Coronel Theodorico Fupo de Moraes e José Martins Filho, Rua de Alfândega, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—Leopoldo A. da Silveira

PARA—Manuel Ferreira Santos Junior (casa Very-Well).

MANAOS—Lino Aguiar & C.ª

MARANHÃO—Leocádio J. de Medeiros & C.ª

CERARA—Salles Torres & C.ª

BAHIA—Sousa Vianna & C.ª Rua dos Ourives, 2.

PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marchal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Quilnd)—Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Theosoreiro geral da provincia.

MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.

QUEILIMANE—Henrique Lima.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Couto Fernandes, Rua de Camões, 11, A, 2.ª

EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul.) Luiz Freire Correira, director da fiscalção dos tabacos.

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os Estados do Brasil, e em Portugal e colónias.

Com elles se poderão entender directamente os ara. subscriptores e leitores do BRASIL-PORTUGAL.

LORJÓ TAVARES

Partem amanhã, 17, do Rio de Janeiro a bordo do *Brésil*, e devem chegar a Lisboa, no dia 31 d'este mez. Lorjô Tavares, um dos directores do *Brasil-Portugal*, e sua esposa.

Depois de uma ausencia de dez mezes, que tão útil foi á estabilidade e solidez d'esta empresa, porque não podia ser mais intelligente, mais valiosa e mais eficaz, a propaganda que Lorjô Tavares fez pessoalmente nos principaes Estados do Brasil, propaganda em que elle poz uma actividade e uma dedicacão, impossivel de serem excedidas, volta á patria o nosso querido amigo, para vir mais de perto, ao nosso lado, juntando os seus esforços aos nossos, acompanhar-nos n'esta lida a que de corpo e alma nos consagramos, para, collocando a nossa illustração a par das melhores que se publicam na Europa, correspondermos ao excepcional acolhimento que lhe tem feito o publico dos dois paizes.

Nas cidades do Norte como nas do Sul, teve Lorjô Tavares a mesma effusão de sympathias, a mesma recepção calorosa, e a nossa Revista a

mais larga acceitação e o mais incondiciona louvor.

As ultimas cidades que percorreu foram as do sul do Brasil: Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre.

As noticias que a seguir publicamos, reproduzidas dos poucos jornaes que temos á vista, dão a medida do acolhimento feito ao nosso collegá n'aquelle activo e formoso Estado do Brasil.

Aos nossos confrades da imprensa Riograndense penhorados agradecemos as palavras que nos dirigem de sympathia e de incentivo, e, tanto aos nossos compatriotas como a muitos dos brasileiros illustres que lá vivem, agradecemos tambem as attentões e deferencias que bizarramente dispensaram a Lorjô Tavares e a sua esposa durante a sua curta permanencia no territorio do Rio Grande do Sul.

Seguem as noticias dos jornaes

Do *Correio do Povo*, de Porto Alegre:

«Tivemos hontem a satisfacão de receber a visita do distincto collegá portuguez Lorjô Tavares, com uma honrosa apresentação do sr. Sr. José Francisco da Silva Nunes, digno vice-consul de Portugal n'esta cidade.

O festejo litterato e jornalista anda percorrendo a Republica em trabalho de propaganda da excellente revista *Brasil-Portugal*, uma publicacão interessantissima, cheia de originalidade e de attractivos.

Essa revista tem como directores o conselheiro Augusto de Castilho e os srs. Jayme Victor e Lorjô Tavares, nomes que bastariam para recommendal-a á curiosidade e á estima publicas, caso ella por si propria não se impozesse á admiracão de quantos a manuseiam.

Com effeito a magnifica publicacão tem todos os elementos para conquistar admiracões—taes a novidade e a nitidez das suas varias gravuras, a boa distribuicão de toda a materia e a excellencia do seu texto, onde collaboram escriptores da melhor nota.

Sem exagero, podemos dizer que nem mesmo as revistas francezas e inglezas se lhe avantajam no apuro com que ella quinzenalmente surprehe o seus milhares de assignantes.

O *Brasil-Portugal* tem já publicados treze numeros, qual d'elles mais attrahente, pois va se dando com essa revista o caso raro de melhorar ella sempre, de mez para mez, não poupan-

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

do esforços de iniciativa e de labor incessante para não desmerecer do lisonjeiro conceito grangeado logo aos primeiros dias da sua existência.

Corlô Tavares, que, em companhia de sua ex.^{ma} esposa, vem percorrendo o Brasil desde o Pará, chega ao extremo sul do país encantado pela nossa terra e cheio de orgulhosa satisfação por ver a sua Revista tão bem aceita em todos os pontos que tem percorrido.

Dando-lhe as boas vindas, aqui expressamos os protestos da nossa estima pelo talentoso confrade e o testemunho do nosso apreço pelo seu meritório trabalho.

Do Correio Mercantil, de Pelotas:

Lorjô Tavares.—Está n'esta cidade, com sua ex.^{ma} esposa, hospedado no hotel Alliança, o sr. Lorjô Tavares, nosso distincto collega da imprensa portugueza, e que, como já dissemos, percorre o Brasil, tendo visitado os Estados do Norte, a negócios da importante revista quinzenal illustrada *Brasil-Portugal*, publicada em Lisboa.

Lorjô Tavares, o conselheiro Augusto de Castilho e Jayme Victor, são os directores da Revista, de que aquelle collega, tendo tido a fineza de visitar hontem a redacção d'esta folha, offereceu-nos um esplendido numero.

Do mesmo jornal:

Brasil-Portugal.—Referindo-nos á chegada a esta cidade do sr. Lorjô Tavares, um dos directores d'esta Revista illustrada quinzenal de Lisboa, dissemos que aquelle nosso collega nos offerecera um numero do seu magnifico periodico.

E' o n.º 9 do 1.º anno e traz a data de 1.º de Junho ultimo.

Brasil-Portugal é um magazine feito ao molde da *Revista Moderna*, que o nosso compatriota Dr. Martinho Botelho publicava em Paris.

Tem uma bellissima capa a cores, paginas supplementares com noticias, annuncios e secção recreativa, além das 16 reservadas propriamente ao texto e illustrações.

Quanto estão adelantadas as artes graphicas em Portugal facilmente se depreheende percorrendo um numero do *Brasil-Portugal*, onde as gravuras são impressas com admirável nitidez.

Um summary d'esto n.º 6 é o seguinte:

Chronica electrica, Brasil-Portugal — *Emilio Castelar—Barcarola*, versos inéditos de Valentin Magalhães com illustrações de J. Vaz — *José Luciano de Castro—O banquete a Ferreira do Amaral—Epiodos Maritimos*, Augusto de Castilho — *O Adamaros no Brazil* (os brindes) — *Chronica d'outros tempos (As torradias)*, Pinto de Carvalho (Tinop) — *A procissão do Corpo de Deus — Freis Gonzalo Velho*, Ayres de Sá — Theatros: *Francisque Sarcey*, Abel Botelho.

—O sr. Lorjô Tavares constituiu os Srs. Carlos Pinto & C. Succs. agentes n'este Estado da magnifica revista cujo preço para o Brazil é de 45\$ por assignatura annual e de 25\$50 por numero avulso.

—No Rio Grande, segundo noticia um collega d'alli foram tomadas acima de duzentas assignaturas da *Brasil-Portugal*.

Do *Diario Popular*, de Pelotas:

«Brasil-Portugal.—Temos sobre a mesa, hoje, o n.º 10.º d'esta interessantissima revista quinzenal, da qual é um dos directores o distincto e delicado autor de *A Moira de Silveira*, Sr. Lorjô Tavares, actualmente em Pelotas, hospedado no *Alliança*.

O n.º que temos á vista traz um excellente retrato da rainha D. Amelia e o da talentosa poetisa rio-grandense Iribantina Cardona, além de varias gravuras finissimas, muitos artigos e poesias de reputados litteratos de Portugal e Brazil, cujas relações a util publicação, incontestavelmente, vem contribuir para tornarem-se mais intimas e estreitas na propaganda reciproca de suas artes e litteratura.

O preço da assignatura é apenas de 45\$000 por anno, custando o n.º avulso 25\$00.

Sciencia facil

Um tiro inoffensivo

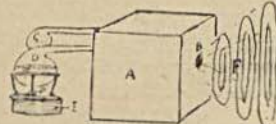
Para executar esta experiencia que pode perfectamente servir de intermediação basta ter uma espingarda ou carabina de largo calibre. Esta

arma deve ser carregada de mente dos espectadores. Introduz-se a bala e em seguida por cima da bala a carga de polvora com uma bucha feita de papel. Em seguida escurva-se e pede-se a um espectador que vos aponte a espingarda e atire. Uma enorme detonação se ouve, emquanto que vós tiras do bolso do colete a bala que ainda está quente da explosão da polvora.

A explicação d'este facto é simples; no fundo do cano tem-se collocado uma pequena porção de polvora e a bala é expulsa do cano da espingarda pela explosão d'essa polvora. A carga que se põe por cima da bala tem unicamente por fim o lazer grande bulha e impedir os espectadores de ver a bala cahir do cano da espingarda aos pés do atirador. Quanto á bala que se tira do bolso já lá estava antes de se atirar o tiro.

Os annéis de fumo

Fumadores ha que conseguem formar com o fumo do tabaco lindos annéis que se vão sobrepõem uns aos outros, vãosos indicar a maneira scientificamente produzir annéis semelhantes. Para isso basta ter uma caixa (A) cubica tendo



n'uma face um orificio (B) e sendo uma das faces substituida por uma membrana elastica. Por um dos lados da caixa penetram por dois buracos os tubos de duas retortas (C e D) sendo uma d'ellas alcali volatil (ammonio do commercio) e a outra chireto de calcio; aquecendo com uma lampada de alcool (E) as duas retortas produzem-se abundantes fumos de chireto e ammonio que por uma pressão sobre a lamina elastica saem sob-forma de lindos annéis (F) que se sobrepõem uns aos outros. Pode durar meia hora ás vezes a produção d'estes annéis.

ORAYAL.

Um dia estava Ricardo Wagner conversando com outros amigos em Tribtschen, sentado n'uma especie de ottomana.

De repente levantou-se e fez um pino sobre a ottomana, com a cabeça para baixo e os calcabares batendo o ar.

Quando se achava n'esta phantastica posição, abriu-se a porta e sua mulher r' appareceu.

Imaginou-se a surpresa e o susto que se apoderaram d'ella.

Julgou que seu marido enlouquecera.

«Ricardo, Ricardo, que tens?»

O maestro, rindo, tranquillizou-a explicando-lhe que só quizera por aquelle modo mostrar a seus amigos que aos sessenta annos ainda podia fazer o pino da mocidade.

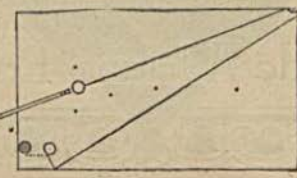
Trata-se antes de tornar a pobreza honrosa do que prescrever a opulencia. A choupana de Fabricio não tem que inviar ao pa'cio de Cresus. Eu prefiro a um dos filhos d'Aristides, educado no Frytano, á custa da republica, do que herdeiro presumptivo de Nerves, nascido nas fossas das côrtes.

RODRIGUES.

HURAS DE CÉDIO

O BILHAR

Carambolos de phantasia



Charadas novissimas

A mulher de sotaina é febra—3, 1.
Do Mondego é doito um cretado—1, 3.
Estorlo animal com este fracção—3, 1.
A sentença d'este criminoso foi dada por musica—2, 1.
E, por ostentação que este homem falla muito—4, 3.
O Tiro é um rio onde pode haver cordões—3, 2.
H' serido de um bocado de carne seculo militar—4, 1.

Logographos

(Por letras)

Prima, segunda, terceira.
Quarta e se gunda no fim.
E, animal, que desce.
Vêr bem distante de mim.

Quarta, segunda e terceira.
Com segunda e mais primeira.
E' appellido vulgar.
De gente fina ou grosseira.

Se á quinta, segunda e terciã.
A quarta se pôr junstar.
Com certeza tem um fructo.
Que deve apreciar.

Prima, segunda, terceira.
Quarta e quinta finalmente.
Appellido conhecido.
Liaado por muita gente.

Aqui vos um logographo,
que vale bem por escrever.
E' dos taes que os melhores mestres
lie torarem de certo a ventã.

E' o todo um vegetal
e fica o conceito dado,
um mestre mais não precisa
para o dar por decifrado.

Vegetal esta será—1, 3, 4, 6.
nemboa duvida encerra,
vegetal ou povoação—2, 1,
ou uma ponta de terra—1, 4.

Pode ser uma cidade
ou ainda um vegetal—5, 2, 3,
ou tambem uma moeda
que julgo ser de metal—1, 3, 6.

Muita coisa fica em claro
mas o logographo encerra,
só dos mais um vegetal—5, 2, 3, 4, 6.
Está morto? Faga-se o enterro.

Salto equestre

(COM SUPRESSÃO DE VOGAES)

Prêmio o primeiro *ALMANACH BERTRAND* por a assignatura de Portugal de quem primeiro receberem a de fructo

.	a	m.	c	m	m.	r.	a.	l.	m.
m.	a	m.	v	a	n.	a.	m.	ch.	
br.	s	m	r.	l.	er.	r.	a.		
b.	l.					u.	l.	r.	
t.	d	a	pr.	a.	l.	d.	a.	l.	h.
d.	l.	l.	l.	l.	n.	t.	d.		
f.	b.	r.	a.	c.	g.	a.	t.	br.	e.

Começa na casa n.º 1.

Ernestina de Mattos.

Decifrações do n.º 18 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas novissimas—*Mihoca, Feijão verde, Condouro, Amargoso, Amargão, Clarilla*, Da charada em verso—*Genes*.

Dos logographos—*Fecia, Bocarje*, e 11.
Eu seguro—2.º e 1.º
O Equião—3.º e 1.º
Foi um typo
Muito raião.

Dos logographos novissimos—*Tolo é quem se mata—Dinheiro compradinho ganhou—Cama de chido e cama de cido*.

A' experiencia (Agarte) Agora sim. No proximo n.º será contemplado.
Typo (Liaabo) Escrava de o dizer. Bem se vê que um typo, e por signal bem retirado!
od. Irev 7. Não tem entrada. Apresente-se decentemente vestido, e fallaremos.
F. A. de Mattos.

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos—Nunca é fácil prever as operas que se representarão nas quinzenas futuras, porque a distribuição de espectáculos d'esta ordem está sempre sujeita a alterações, a mil eventualidades que n'um theatro lyrico mais do que em qualquer outro frequentemente se dão.

Em todo o caso pode-se dizer que está em em preparos a *Bohème* de Leoncavallo.

A parte de Musette é cantada pela sr.^a Martelli, a de *Mimi*, pela sr.^a de Roma, e de *Schwarz* pelo sr. Rossi e a de *Marcello* pelo sr. Dalmas.

Do *Barbeiro de Sevilha*, que por certo, constituirá o successo da quinzena, a distribuição dos papéis é a seguinte:

Rosina	Regina Pacini
Almaviva	Bonci
Figaro	De Luca
Basilio	Perelli
D. Bartolo	Rossi.

D. Maria—Dá na noite de 26 um espectáculo de gala comemorando o centenário do Visconde de Castilho.

Nessa noite representar-se-ha o *Frei Luiz de Souza*, de Garrett, e pela primeira vez uma traducção feita do francez, pelo grande escriptor cujo centenário se celebra, *Um anjinho da pelle do diabo*.

A distribuição d'esta peça é a seguinte:

Barnabé da Silva—sexagenario, egoísta e solteiro	Joaquim Costa.
Julio da Silva—seu sobrinho	Senna.
D. Adelaide—mulher de Julio da Silva	Judith.
Mathilde—filha dos dois precedentes	Delphina Cruz.
Anastasio—criado, e jardineiro de Barnabé da Silva	Nobre.
Fulcheria—criada grave do mesmo Barnabé	AmeliaVianna.

A acção é contemporanea, e passa-se n'uma casa de quinta, junto a Condeixa, vizinhanças de Coimbra.

O resto da quinzena será preenchido pelas peças *Mercader* e *Agonia*, que tanto teem agradando.

No dia 29, realisa-se o beneficio da União dos Atradores civis Portuguezes.

D. Amelia—Depois da reprise da *Esraqueira*, em beneficio de Augusto Rosa, faz este theatro a reprise de *Alcazar Kibir*, cuja distribuição demos já no numero passado.

A reprise de *Alcazar Kibir* é em festa artistica do actor Brazão.

Trindade—É inutil dizer que tendo em scena o *Religio Magico*, *A mulata*, *tres farrados* e o *Testamento da Vilha* não precisa pensar em novos espectaculos, visto que estas tres peças em noites alternadas lhe dão enches de 1.^a ordem.

Gymnasio—Prepara com todo o esmero a nova comedia *Salta Poenhas*, traduzida por Manuel Cabral.

Rua dos Condes—Em 20 ou 22 leva á scena a nova operetta de Eduardo Schwalbach, *O Poeta de Xabregas*, para a qual escreveu musica o illustre maestro, sr. Philippe Duarte.

A distribuição dos papéis é a seguinte:

<i>Frei João de Nossa Senhora</i> (O Poeta de Xabregas).....	Valle.
Manuel	Mercedes Blasco.
Innocencio	Silva Pereira.
Gregorio	Gomes.
Conde de Valladares.....	Aves.
Frei Ignacio.....	João Silva.
Marinho.....	Leal.
Saturrino.....	Gervasio.
O donato de Frei João.....	Taveira.
1. ^o Frade	Pires.
2. ^o	Godinho.
Belisario (adello).....	João Silva.
Pass Francisco.....	Roque.
Marijo.....	Castello Branco.
Corregedor.....	Mario.
Vendedor de alfenim e ge gelim.....	Annibal.
Passarinheiro.....	Guedes.
Homem do oratorio.....	Gonçalves.
Curandeiro.....	José Rodrigues.
Dono da barraca do vinho.....	Durão.
Almotacel.....	Cruz.
Um rapaz.....	Lagos.
Um esbirro, um cego, 2. ^o homem do povo.....	José Pedro.
Estudante.....	Annibal.
Bento.....	José Rodrigues.
1. ^o homem do povo.....	Lagos.
Perpetua do Espirito Santo.....	Jesuina.
Peironilla.....	Gabriella Lucey.
Preta Domingas.....	Rochedo.
Cecilia, filha de Gregorio.....	Maria Emilia.
Amelia, idem.....	Carolina.
Leonor de Valladares.....	Consuelo.
Salomé, adella.....	Cecilia.
2. ^o adella.....	Aida.
1. ^o vendadeira.....	Emilia Salazar.
2. ^o	Marianna.
Ramalheteira.....	Rosa.
1. ^a beata.....	Maria Peres.
2. ^a	Guomiar.
Uma embaçada.....	Maria Restelho.
Uma rapariga desenvolta.....	Guomiar.
Queiriza Bernarda.....	Fernanda Salaz.
Leocadia.....	Aida.
Ursula.....	Cecilia.
Ambrosia.....	Marianna.
Uma popular.....	F. Salazar.
Uma criada.....	Maria Peres.
Vendadeira preta.....	Elisa.
Estalajadeira.....	Aida.

Homens e mulheres do povo, farricocos, campainhas, mariolas, vendedores, quadrilheiros, criados, etc.

O 1.^o acto passa-se no Rocio, em dia de Feira da Ladra.

O 2.^o, no serão, em casa de Perpetua do Espirito Santo.

O 3.^o, na taberna da Fiandeira, em Xabregas.

Principe Real—Vaé dando durante a quinzena espectaculos com o *Sineiro* de S. Paulo, *Demonio das Mares*. No dia 30 fez reprise do *Comboio* n.^o 6, para reaparicção da actriz Adeline Ruas, que uma grave doença affastou por bastante tempo do palco.

No dia 24, em beneficio de Rosa d'Oliveira, reaparece a *Morgadinha de Val-Flor*, o celebre drama de Pinheiro Chagas, fazendo Rosa d'Oliveira o papel de Morgadinha.

Na noite de 30, representa-se pela primeira vez o drama em 5 actos, de A. D'Ennery, o *Segredo do Medico*. A peça é traduzida pelos srs. Mendonca e Gosta e Julio Hawarth.

A distribuição dos papéis é a seguinte:

<i>Dr. Daniel</i>	Ernesto do Valle.
O conde de Lavieville.....	Luciano.
Jorge de Lavieville.....	Pato Moniz.
Theodoro de Lestrelles.....	José Baptista.
Leverdier.....	Soares.
Julião.....	Augusto Machado.
Martha, filha do conde.....	Maria das Dóres.
Maria.....	Rosa d'Oliveira.
Genevieve, criada.....	Elisa Aragonês.
Francisco, criado.....	Ferreira.

Avonida—Estando na companhia a actriz Pepa e em scena o *Tim-tim* por *tim-tim*, a celebre revista de Sousa Bastos, é inutil dizer que só uma peça tão sensacional como a *Viagem de Suzette*, levaria a empresa a retirar de scena a revista que tanto dinheiro lhe está dando. Mas como a *Viagem de Suzette* só pode subir á scena em meados de janeiro, pode o publico durante esta quinzena ainda ir applaudir o celebre *Tim-tim*.

Rato—Depois de varios beneficios dos artistas d'este theatro, põe a empresa em scena a comedia em 3 actos, *O homem das calças pardas*, original dos srs. Julio Soller e Nascimento Corrêa.

Esta peça em que entram os artistas, Augusta de Mello, Maria Ferreira, Julia, Eusebio, Corrêa, Alberto Silva, Alfredo da Silva, Guimarães e Sabino.

Em ensaios tem a empresa d'este popular theatro as seguintes peças:

As Bódas de Christim, opereta em 3 actos de Francisco d'Almeida, e *A usurpação dos francetes*, peça historica militar, de Julio Rocha e Eduardo Moreira, em 5 actos e 6 quadros.

Real Colyseo—Está preparando uma sencial surpresa, para substituir a *Reviravolta*, que vaé dentro em pouco ser retirada de scena. Dizem-nos que para essa surpresa estão trabalhando dois escriptores, cujo talento e *savoir faire* theatral garantem um successo doido.

Colyseo dos Recreios—Deu o^s ultimos espectaculos a Companhia Equestre que funcionava n'este Colyseo.

Para muito breve se annuncia o debut d'uma companhia de zarzuela, que traz artistas de primeira ordem e que é dirigida por D. Juan Molina.

* PROVAE

OS

DELICIOSOS

VINHOS

DO

PORTO

DE

CONSTANTINO

DE

ALMEIDA *

CURIOSIDADES

A espinha dorsal de Eva

Em Dresden acaba de se realizar uma exposição dos quadros de Lucas Cranach. Foi um prazer para os pintores e um assumpto do estrodo para os orthopedistas, porque um medico, o dr. Schlanz, se impressionou muito — ou vê que Eva, Lucrecia e as proprias deusas, tinham as costas muito salientes. Sentiu tal tristeza que a divalçou pela *Semanz Medica Alemã*.

O defeito d'estas figuras não é um capricho depravado de Cranach, porque estes retratos da mulher são igualmente rícticos, e a duqueza Catharina apresenta um caso de *scoliose* bem accentuado; Alberto Durer, que desenhou um Adão magnifico, dobrou igualmente a espinha dorsal de Eva. Como se não pode duvidar da sinceridade d'estes mestres, é forçoso confessar que a mulher alemã da Renascença tinha dobrada a espinha dorsal. O dr. Schlanz encontrou a causa de tão grande desgraça no uso das barbas da baleia e de aço, então menos vulgarizado do que hoje. Eis a causa da degenerescencia do tipo feminino.

Proseguindo nos seus estudos sobre outras epochas, o dr. Schlanz chegou a esta formula geral: que antes do espantilho todas as gerações eram mais ou menos curvadas!

Pelo menos, os pintores acima referidos parecem remontar esse defeito á nossa mãe Eva. Mas porque milagre se endireitaria a espinha dorsal da humanidade, que, apesar d'isso, continúa a ser bem torto?

Em que epocha se operou esse milagre, pois que pela Renascença ainda as mulheres eram curvadas? Eis duas graves questões que o final do seculo deixa ao seu successor para resolver...

A audacia dos bandidos

O mais audaz attentado, talvez, que até agora registra a historia do bandolerismo na Italia, promette ter em breve uma consequencia muito interessante. Em 1854, todo o districto da Remanha esteve aterrissado por causa de um bandido chamado Passatore e seus sequazes.

No ultimo dia do carnaval dava-se uma representação de gala no theatro de Farlinpopoli, e toda a grande e pequena nobreza do districto se achava na reunião.

Quando depois de um prolongado lapso de tempo se levantou o panno, notou-se que o palcoscenico estava occupado por Passatore e seus companheiros, que apresentavam uma horrível fileira de canos de trabuco á concorrencia atterrida.

O chefe dos bandidos, inclinando-se cortezmente, expoz que era inutil intentar escapar, pois todas as portas do theatro estavam com guardas, e que elle e os seus companheiros fariam um gyro em roda dos camarotes e cadeiras para receber todo o dinheiro e os valores disponíveis, os quaes, como o esperava confiadamente, seriam entregues sem resistencia alguma, para evitar derramamento de sangue.

E de facto Passatore fez uma colheita de cerca de 80.000 libras e escapou-se com o seu bando sem que o impedissem. Mas esse atrevido golpe foi a causa da sua captura, porque as autoridades se moveram activamente para perseguir-o e ainda hoje em Italia muita gente se lembra do processo dos cem bandidos, que se seguiu pouco depois em Bolonha.

Parece, entretanto, que Passatore, antes de cahir nas mãos da justiça, logrou occultar a sua parte n'aquelle roubo, a qual montava a 400.000 libras, em um pequeno bosque perto de Bolonha; e enquanto estava no carcere, onde morreu ha dez annos, confiou o seu segredo a um companheiro de prisão.

O segredo do bandido transpareceu, em parte, pelo menos, e os chefes de policia de Bolonha auctorisaram dois negociantes a fazerem excavações afim de desenterrar aquelle tesouro.

O sitio em que se fazem as pesquisas está situado a alguns passos da casa de campo em que habita Carducci, o mais illustre dos poetas actuaes da Italia.

Os adventistas

Não é o Anti-Christo que virá proximoamente preparar o fim do mundo; não é tão pouco um novo Messias como acreditam algumas almas simples. E' Jesus Christo que vai reaparecer em corpo e em espirito. Tal é a doutrina que professam os adventistas do setimo dia e de que trata o sr. Victorio Rocca na *Vida Internacional*.

Os adventistas invadiram ha pouco a Italia. Até então não tinham feito proselytos nem mesmo procurado fazel-os fóra dos Estados-Unidos, da Alemanha, da Scandinavia e da Russia. A sítia surgiu em 1830 n'esses paizes simultanea-

mente, sem que se possa designar ao certo o seu fundador.

A propaganda foi animada e houve numerosas conversões até 1844. A grande chuva de asteroides havida em 1835 não fez mais do que confirmar esses crentes na sua fé. Era um dos signaes percursores annunciados por S. Matheus.

A partir de 1844 abrandou muito o zelo e por isto:—Daniel e Esdros declaram que o mundo durará ainda 2.300 dias, ou na gira dos prophetas, 2.300 annos Ora, tendo sido em 457 antes da nossa era, o facto de reconstrução de Jerusaleem, desde 1843 que os adventistas estão confusos, abalados em creença, porque se de 2.300 se abster 456, ficam 1844, data em que segundo os prophetas deveria acabar o mundo. Assim muitos desertaram da grey.

Mas os fanaticos acharam logo uma explicação para o calculo. O juiz final principiou em 1844 ainda não nos apercebemos d'elle, porque o Criador principiou o seu trabalho pelo julgamento dos nossos antepassados. Logo que estejam findos esses processos, e ha muito trabalho, principiarão os nossos e quanto mais tarde melhor.

Parece que 65.000 contemporaneos nossos acreditam n'essas tolices! Têm 905 pregadores e o anno passado dispenderam com a propaganda cerca de 500 contos da nossa moeda. Possuem 11 typographias, que publicam 83 jornaes e revistas em 15 paizes, escriptos em 36 idiomas. Já publicaram 835 volumes e brochuras.

Os adventistas guardam os sabbados como os judeus, e não os domingos como os christãos.

Um pintor muito conhecido contrahou uma linda rapariga para lhe servir de modelo. Depois de varias sessões, appareceu-lhe um dia no atelier uma velha e diz-lhe:

—O senhor ha-de desculpar, mas minha filha não pode cá vir hoje e disse-me para vir em logar d'ella.

O marido — Como podes tu pôr na cabeça o cabelo de outra mulher?

A esposa — E como podes tu pôr na mão a pelle de outro animal.

Um estudante vem para casa em tal estado que no dia seguinte accorda em cima da cama, meio despido, e com os pés em cima do traveseiro.

— Ora está diz elle muito espantado. Passe toda noite imaginando que tinha dor de dentes e afinal eram as bestas que me apertavam.

A MOSCA



Emil.
24. 677.
Minsky

The Pacific Steam Navigation Company

Viagens rapidas para o Brasil e portos do Pacifico.
Carreira quinzenal (ás quartas feiras alternadas).
Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru; e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadix, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Bordeaux e Leith, etc.

Caes do Sodré, 64, 1.º — LISBOA

Os Agentes — E. Pinto Basto & C.ª

CAIXA POSTAL. N.º 56

103

ENDER. TEL. CAVILHAS

A MAIS ANTIGA MERCERIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880

Dias d'Oliveira & C.ª — Vinhos, conservas, generos do 1.º qualidade. — A primeira n'este genero. Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Filial — Rua Theodorico Souto — Maranhão — RUA INSTALAÇÃO, 12

New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes a este ramo de negocio

Importação directa

Recebem generos pelos vapores frigorificos,
de Southampton e Rio da Prata

COELHO, DIAS & C.ª

RUA DO OUVIDOR, 37

RIO DE JANEIRO

A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

Importação

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1861

Corrêa Miranda & C.ª

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ.

BRASIL-PORTUGAL

NOVA ASSIGNATURA

Redução de preços

(Vide 2.ª pagina da capa)

SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10 — RUA DA PRATA — 12

— LISBOA —

Verenigte Chininfabriken ZIMMER & C.º, Francfort S. M.

Euquinina.—A acção therapeutica equal á do quinino nas febres, influenza, malaria, febre typhoide, coqueluche, neuralgias, etc., e como tónico a Euquinina não tem o gosto amargo nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quinina.

Indicações:

von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48. Overlach: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 15. Panegrossi: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118. Conti: Gazzetta degli Ospedali delle Cliniche 1897, No. 136. Fridrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 1. Dr. F. Plehn: Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene 1897, p. 408. Dr. F. Suchomlin: Wöchentliches Journal für praktische Medicin 1898, No. 16. Dr. A. Fauser: Orvosi Hetilap 1898, N. 18. Dr. K. M. Solonoff: Botkinsche Hospital-Zeitung 1898, 5. März. Dr. Alexeiff, Dr. Kysel, Professor Dr. Filatow: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21. Dr. A. Mori: Settimana medica dello Sperimentale 1898, No. 26. Dr. G. Rondinini: Il Pratico 1898, No. 18. Dr. K. Göniew: Wratsch 1898, No. 26. Dr. S. Sapigni: Il Raccoglitore Medico di Forlì 1898, August. Dr. Xavier Lewkowitz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41. Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medizinischen Blätter 1898, No. 45.

Eumatrol.—Purgativo precioso contra os calculos biliares e outras doenças do fígado. Pode ser tomado durante meses consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Eumatrol*, sem provocar effeitos secundarios.

Indicações:

Bilium: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3. **Validol.**—Apresenta effeitos curativos notaveis na hysteria, na neurasthenia, nas affecções do estomago: n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo á anorexia e ás nauseas (inclusivê o corpo a bordo). Amostras, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:

Dr. Schwarsensky: Therapeutische Monatshefte. Nov. 1897. G. Scognamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4.

Perolas de quinaes Zimmer.—Contendo sulfato de quinao ou outros sais de quinao em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perolas dissolvem se immediatamente no estomago e garantem assim effeito prompto e seguro.

Indicações:

von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2. Scognamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fasc. XII. Decemb. 1896.

OUTRAS ESPECIALIDADES

Quinao, Cocaina, Caffeina, Extracções, Preparações de soda, Chocolata da Quinaes Zimmer
Agente em Portugal

GERMÃO A. FERREIRA — Rua dos Fanqueiros, 174, 1.º — LISBOA

CONSULTAS

Das 8 da manhã
ás 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA

Cirurgião-Dentista

CONSULTAS

Gratis aos pobres
Das 11 ás 12

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Especialista no tratamento de doenças da bocca e dos maxillares

Rua da Palma, 40, 1.º



INTERNACIONAL

Companhia portuguesa de seguros

SÉDE EM LISBOA

100, Rua Aurea, 1.º

Efectua seguros marítimos e contra o risco de fogo, gaz e raio.

Agencias nas principais povoações do paiz

Directores

Raphael de Mello Amaral,
Visconde de Mingualede,
Carlos Alfredo Romano.

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro — 218

PELOTAS — Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

Cambio,
Loterias

Papéis
de credito



JOAO VIERLING & C.ª
LISBOA
R. do Arsenal
44 E 46
P. do Municipio
1, 2 e 3



Mala Real Portuguesa

ENVIADO TELEGRAPHICO Malareal

TELEPHONO N.º 389

Correias regulares para o Brazil no fim de cada cinco para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, com escala pela Madeira.
Viagens rapidas pelos excellentes paquetes Malareal, Solfadino Cabral e Rei de Portugal.
Magnificas acomodações para passageiros de todas as classes, grande salão, camarotes com dois bôchies, grandes camarotes para fumar, frigoriferos, luz electrica, etc. etc.
Tratamento de primeira ordem.

Hoja-se aos vrs. passageiros e carregadores o obsequio de dirigirem os seus pedidos ao escriptorio da empresa.

LISBOA — Largo do Municipio, 7. 1.º

NO PORTO

Para passageiros A. A. Henrique rua Alameda Herculano, 34.
Para carga David José do Pinho, rua Nova d'Alfandega, 20.



Fabrica Confiança

R. CUNHA & C.ª

145, RUA DE SANTA CATHARINA, 155

PORTO

Grande e apreciada exportação para os Estados Unidos do Brazil e Africa

De camisas, camicolas e todos os artigos de roupa branca para homens, senhoras e creanças

Sortido completo e permanente

Execução rapida e aprimorada de qualquer encomenda

E' a maior e mais notavel fabrica de roupas brancas da peninsula

Provisão com modistas de vras nas espezias e que tem concórdia

Endereço telegraphico — CONFIANÇA

GRANDE FABRICA DE MOVEIS

Marceneria 1.ª de Dezembro

Rua da Rosa, 168 — LISBOA

Telephone 883.

Reis Collares & C.ª

MARCENEIROS CONSTRUCTORES

Este importante estabelecimento, o primeiro do paiz n'este genero, tem sempre os seus vastos salões em **exposição permanente e franca ao publico**, magnificas mobílias para quartos de dormir, casas de jantar, escriptorios, gabinetes, etc., das mais lindas e preciosas madeiras tanto nacionaes como estrangeiros, fabricadas sempre pelos mais modernos desenhos, assim como se encarrega de toda e qualquer encomenda por maior que seja a sua importancia, satisfazendo-a com a maxima pontualidade, tanto para o reino como para o

Brasil e Africa.

Especialidade em mobiliarios completos para casamentos

Os proprietarios d'este estabelecimento responsabilizam-se sempre em **QUALQUER EPOCHA** pela boa construcção e acabamento dos seus artefactos.

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNE TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros do 2.º classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, 4, Praça dos Remoladores.

Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Aurora, 37.
Pela Companhia das Messageries Maritimes
Soc. Torlades.



Bobina central

Em machina de costura é o que ha de mais maravilhoso.

E' propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril Singer.

A machina **BOBINA CENTRAL** reune as grandes qualidades essenciaes de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO

105, Praça do Loreto, 107—LISBOA

Largo do Conde Barão, 38—Calçada da Graça, 10

111, Rua da Junqueira, 111

Pacheco Borges & C.ª

Importação

e exportação

Commercio e consignações

Rua 15 de Novembro, 47

PARÁ

A RESTAURAÇÃO

DE



Gonçalves & C.ª

MERCEARIA, BOTÊQUIM e FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação. 8 — Mauás

À vista rancho para vapores e para o interior do Estado

Águas
DE MOURA



Lisbõa

AGUAS MEDICINAES

— DE —

“Moura”

Hypo-Salinas, bicarbonatadas, calcicas, lithinadas

Estas magnificas e muito conhecidas aguas são as unicas no paiz para a cura da lithiase e efficacissima no tratamento das doenças de estomago, figado, bexiga, urethra, etc., facilitando a sahida dos calculos e areias, mitigando rapidamente as cóllicas nephriticas.

ESCRITORIO DA EMPREZA

123, Rua da Conceição, 123

— LISBOA —

ASSIS & C.ª

Banco de Belem do Pará

RUA 15 DE NOVEMBRO

DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —

José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emitta cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNecedores DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166—LISBOA

Proprietários em com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechalco para confecção de uniformes. Garantia em sua todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços



Coimbra & C.^a

FABRICANTES DE CALÇADO

Fornecedores da Casa Real
E das principais casas do país

EXPORTADORES para a AFRICA E BRASIL

Grande sortimento de calçado de toda a espécie para senhores,

homens e crianças nas FILIAES:

Rua do Príncipe, 124—Rua Nova do Carmo, 94

Officinas—R. do Jardim do Regedor, 33 a 41—LISBOA



Fabrica Amazonia

Casa Importadora

PARÁ

R. 13 de Maio, 49

Ferreira Pinto & C.^a

GRANDE DEPOSITO

De cachaca, alcohol, cognacs, refrigerantes, cidra, generosa, vinhos de cajú, genipapo, e hesperidina nacionaes.

Vinhos

De todas as procedencias—qualidades garantidas. Colares especial—importação directa.

Estabelecimento

De confiança—Preços sem competencia.

Caixa postal N.º 349

Ender. teleg. FERPIN

Manteiga Burnay

Aviseo aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

É preciso
boa manteiga pura

USAR

A Manteiga Burnay

Á venda
em todas as principais
mercearias
de Lisboa

—o—

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR



285, Rua dos Fanqueiros—LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a—R. da Prata, 282 a 288, Lisboa
Jeronymo Martins & F.^{os}—R. Garrett, 13 e 15, Lisboa
José Affonso Vianna & C.^a—Largo Camões, 33 e 34, Lisboa
R. D. de Campos—R. da Prata, 187 a 191, Lisboa
Alves Diniz, Irmãos & C.^a—R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa
Seb. Corrêa Saraiva Lima—R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a—Rua de S. Paulo, 216, 2.^o—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz em todos os trabalhos.

Execução perfeita.



MANOEL CANICEIRO DA COSTA

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito

De materias para construcção
civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124—PARÁ

Endereço telegraphico—CANICEIRO

Caixa postal—N.º 83

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em outubro de 1847

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Director e Proprietario

Jayme Mau Perrin Santos

Bacharel formado em Philosphia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitais Civis

Inspector dos Estudos

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosphia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica
desde 1874

Ensina-se n'esta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitório e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes são as seguintes e distribuidas em 4 annos:

CURSO COMMERCIAL

PRIMEIRO ANNO	SEGUNDO ANNO	TERCEIRO ANNO	QUARTO ANNO
Portuguez. Francoz (seita diaria). Ingles (seita diaria). Alfabeto (seita diaria). Arithmetica e calculo commercial. Calligraphia. Pratica de escriptoio.	Portuguez. Francoz (seita diaria). Ingles (seita diaria). Alfabeto (seita diaria). Arithmetica e calculo commercial. Geographia geral. Calligraphia. Pratica d'escriptoio (seita diaria).	Francoz. Ingles. Alfabeto. Arithmetica e calculo commercial (seita diaria). Historia patria. Geographia commercial. Physica e chimica elementar. Historia natural elementar. Calligraphia. Pratica d'escriptoio.	Francoz. Exercicios de rubrica e Alfabeto de conversação. Constantinidade geral e escriptoio commercial. Materiaes primas e especiaes commercaes. Elementos de economia politica, legislação commercial e administrativa. Pratica de operações commercaes.

Nos tres primeiros annos ha em todas as aulas das linguas franceza, inglesa e allemã, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

No quarto anno o horario está disposto de modo que as aulas theoreticas são dadas até ao meio dia, sendo a pratica das operações commercaes das 7 ás 9 horas da noite. D'esta fórma os alumnos do quarto anno já poderão empregar-se.

A aula da pratica das operações commercaes, completa novidade entre nós, são admittidas pessoas extranhas ao curso que queiram desembaraçar-se n'estes trabalhos commercaes.

As alumnos que frequentarem este curso com distincção e aproveitamento, ser-hes-ha passado pela Escola um certificado de curso.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos, estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

A matricula está desde já aberta na Secretaria.

Lisboa e Secretaria da Escola Academica, 1 de Setembro de 1898.

O DIRECTOR

Mau Perrin Santos.



RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24 - PARA

Servico de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes.
Accoio extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS



Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario
Dr. Firmino Braga, medico
Dex.^{to} Ernesto A. V. Chaves, advogado
consultor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interino
Joaquim Antonio de Amorim, gerente
José Simão da Costa, actuario

PARÁ, BRASIL

ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos	Rs.	45.812.000\$000
Seguros em vigor	»	37.402.000\$000
Renda	»	3.079.985\$718
Reservas de reseguro	»	1.275.176\$349
Sinistros pagos	»	319.539\$870
Sobras	»	245.511\$969
Aplices emitidas	»	2\$149

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de aplices, realisou maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus segurados maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia congé-nere do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realisados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia
de seguros de vida da America do Sul

CASA DE COMISSÕES

JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.^a

Importadores e Exportadores

DE GENEROS DE ESTIVA

Endereço telegraphico — Capital

Rua do Amorim, 33 a 35 — PERNAMBUCO

ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos colonias

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 35

Letura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PERFUMES DE ESCRITORIO

Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna.

Soares Irmão & C.^a

MATRIZ
CASA HAVANEZA

Rua da Installação, 7
Vendas
por grosso

Importação directa de todas as praças

Caixa postal n.º 42

Ender. teleg. HAVANEZA
MANAOS

FILIAL

O Barbeiro Elegante

Rua Municipal, 38

Vendas
a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portueza. Perfumarias.

Banco Norte do Brasil

Endereço telegraphico "NORTH ZIL" PARÁ — Telephone n.º 239

Capital realiado Réis 3.000:000\$000

Fundo de reserva Rs. 349:400\$500

Pará — R. 15 de Novembro, n.º 59

CORRESPONDENTES

NO PAIZ

Rio de Janeiro
Bahia
Pernambuco
Ceará
Maranhão
Mandós

NO ESTRANGEIRO

Londres
Paris
Lisboa
Porto
Genova
New-York

Emitte cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e todas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.

Encarrega-se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %₁₀₀ de 10 e 60 annos. Emprestimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depositos: accettam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 1/2 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districts e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia. *

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Credito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO DURO, 97 — LISBOA

Licor de café Beirão

Approvado pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre effcaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sózinho, em silencio, sem arruído, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quiseram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céo nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres palustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemias e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermittentes, maliciosas ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recabidas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DR

Carvalho, Leite & C.^a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Portenoes de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.^a

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em branco, chapéus, harmonicas, cordas para violão. Realizes. Caixas de musica. Roupa feita, perfumarias, brinquedos. Camas de viagem, bilhocios, artigos para presentos.

GRAND RAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUZICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

Instrumentos de Musica
 ou
 Accessorios para os mesmos
 NO GNERO
 UNICA CASA DE CONFIANÇA
 Especialidade
 em cordões para violão,
 rabecas e violas.

Endereço telegraphico
 «Mendes»
 Caixa no correio
 N.º 455

Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.

Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA

COMPANHIA
DE
Mossamedes
Sociedade anónima
Capital Rs. 2:475.000\$000
Ações de 45500 réis
Sede social em Lisboa
90, Rua de S. Julião
Comité da Direcção:
4, Rue Le Paletier, Paris
Administrador delegado
Antonio Julio Machado

Photographia
FIDANZA
PARÁ
Rua Conselheiro João Alfredo, 22
O mais antigo e acreditado
estabelecimento do
Norte do Brasil
premiado nas exposições de
Paris e Chicago.
Nitidez, perfeição e arte

ASSOCIAÇÃO
DOS
EMPREGADOS NO COMMERCIO

RIO DE JANEIRO
(Exclusiva para o pessoal do commercio,

FUNDADA EM 1880

Sede provisoria: Rua do Rosario, n.º 97

Sede em construção: Rua de Gonçalves Dias, n.º 40

Capital social 900:000\$000

Esta associação, 1.ª no seu genero na America do Sul, conta actual-
mente um effectivo de 12:000 socios, todos do commercio — NEGOCIAN-
TES, CAIXEIROS, GUARDA LIVROS, AJUDANTES, ETC.

E' unica pelos numerosos auxilios que distribue mediante a modica
mensalidade de 2\$000 réis paga em trimestres.

O edificio em construção 4 Rua Gonçalves Dias estará concluido em
1900 e será um dos mais lindos do Rio de Janeiro, construido especial-
mente para o fim a que se destina, não terá equal na vasta Republica Bra-
sileira, constituindo pois, uma gloria para a CLASSE COMMERCIAL.

A Administração compõe-se de negociantes, industriaes, caixeiros,
guarda-livros e ajudantes, todos muito conhecidos no centro commer-
cial.

Convida-se todo o pessoal do commercio do Rio de Janeiro a filiar-se
n'esta poderosa Associação. Na Secretaria fornecem-se todos os esclareci-
mentos precisos, quer sobre a admissão, quer sobre as multiphas vantagens
garantidas.

COMPANHIA DE SEGUROS
FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

CAPITAL, 1.344:000\$000 réis

Em acções do capital nomin 1 de
10000\$000 réis, com entrada de
50000 réis por acção, sendo a res-
ponsabilidade permanente de ac-
cionistas, de 90\$000 réis.
Effectua seguros terrestres e mar-
ritimos na sede e nas agencias.

L. do Corpo Santo, 13

LISBOA

BRINDES

A casa que maiores novidades
tem em artigos para brindes taes
como gravatas, caixas de charutos,
objectos de biscuit, carteiras, per-
fumarias, etc., vinhos do Porto, Ma-
deira, etc., cognacs e licores.

Colossal sortimento em chromos-
Bargos em todos os generos para
molduras.

Todos estes objectos são recebe-
dos das principaes fabricas nacio-
naes e estrangeiras.

N. B. — Fazem-se retratos a crayon
desde 2\$500 réis, em 24 horas.

Tabacaria Novaes

158, Rua da Palma, 162

LISBOA

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica
portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação
vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL CAIXA
GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em to-
das as capitães de districto e sedes dos conce-
lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

Consultorio medico-homoeopathico

Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 ás 8
L., 8 ás 10 m., dr. Artur Braga.
Consulta medica, 3 ás 6 h. da L.; dr. Ce-
sario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora

GABINETE HYDROTHERAPICO

DO DR. MAUPERRIN SANTOS

Mexicos successoras: J. Mauperrin Santos

4 J. Sinoeste d'Alameda.

Installação hydrotherapica completa, duas
salas de duches para homens e senhores, in-
strumentos separados e independentes, gabinete
anexo de electricidade e massagens.

Tratamento de doencas nervosas e do esta-
mo.

Aberto das 8 ás 12 da manhã, 3 ás 5 da tarde.

Entradas: C. do Duque, 20

C. DA GLORIA, 15 — LISBOA



AGUA CARBO GAZOSA

DAS

LOMBADAS

S. Miguel (Açores)

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

LEVE, ESTOMAGAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e roilhas esterilizadas.
Pedir tabellhas de preços e condições de venda a Moyrelles
& C.ª, fornecedores da Casa Real Portuguesa, e de S. A. S. o Prin-
cipe Reinaldo de Monaco.

174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178

LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO

BRASIL-PORTUGAL

(Vide 4.ª pagina da capa).

MANUFACTURA DE CALÇADO
EM TODOS OS GÊNEROSExportação para o Reino, Africa
e BrasilDeposito geral—106 R. Augusta, 108
61, R. S. Nicolau, 65

Nova sapataria da moda

Victor Gomes & Pedroso

Premiados na Exposição de Paris de 1890



OFFICINA E ESCRITÓRIO:

47, Rua de S. Nicolau, 49

DEPÓSITO NO PORTO:

231 R. de Sã da Bandeira, 233

REPRESENTANTE NO PARÁ:

J. d'Almeida Pedroso, Caixa postal 314

A CONFIANÇA

Companhia de Seguros, marítimos e terrestres

Capital 1.000:000\$000

DIRECTORIA

José Marques Braga — João Fernandes Costeira
José Joaquim Lopes de Sousa

RUA 15 DE NOVEMBRO

PARÁ

Companhia PHENIX PERNAMBUCANA

(Seguros marítimos e terrestres)

ESTABELECIDADA EM 1870

DIRECTORIA

Luiz Duprat, José Joaquim Dias Fernandes, Dr. Manuel Gomes de Mattos

Séde: RECIFE Rua do Commercio 46—PERNAMBUCO

SOCIEDAD FONOGRAFICA ESPAÑOLA

HUGENS Y ACOSTA

Barquillo 3 Duplicado

MADRID

Apparethos phonographicos de todas as classes.

Casa especial para Phonogrammas Artisticos, considerados como superiores a todos os que se produzem no mundo.

Sejam cilindros impressos pelos melhores artistas conhecidos de Opera, Zarzuela, Canto Flamenco, etc.

BANDA MILITAR DOS ENGENHEIROS DE MADRID

Grandes descontos nas vendas por junto.

PEDIR OS CATALOGOS

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Loja Pacheco

DE

Deolindo Pimentel & C.ª

Sortimento completo em fazendas e artigos de novidade. Chapéus, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhoras, homens e creanças.

Caixa postal N.º 264

Rua da Instalação, 24
Manáos

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construído de accordo com o clima do paiz, e situado nas faldas da Corcovada.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros

Gerente

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO


Cesar A. Paiva
CIRURGIÃO DENTISTA
DE
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTÓRIO
Rua do Arsenal, 100, 1.
LI=BOA

Sapataria Luso-Brazileira DE Francisco d'Oliveira SUCCESSION
Antigamente: Moreira & Fonseca

Calçado de luxo para exportação

FABRICO EXCLUSIVAMENTE "MANUAL"

93, RUA DO OURO—LISBOA

Telephone 390

Telegrapho—Figuras—Lisboa

Consultorio Dentario **Satario Augusto Paiva**
DOENÇAS DE BOCCA E DENTES Cirurgião dentista
pela Escola de Paris

60, 2.º—Rua de Santa Justa—60, 2.º

Consultas gratis aos pobres, das 10 ás 11 da manhã

JOÃO BASTOS & C.ª
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.º

Especialidade em chapéus
PARA
SENHORAS E CREENÇAS

ESTEVIÃO CHRYSOSTOMO

Completo sortimento de artigos
para chapéus

96, Rua do Carmo, 98
LISBOA

OS MAIORES ATELIERS
EUROPA
GRAVURA
FABRICA DE CARIMBOS
PAPELARIA
OFFINAS DE
FREIRE-GRAVADOR
TIPOGRAPHIA
LITHOGRAPHIA
ENGENDRADAÇÃO DE
LISBOA, 154, RUA DO OURO, 158, 154.
LIZBOA (PORTUGAL)



ALBINO JOSÉ BASTIEN — LISBOA — O BE do Rua Nova da Almeida tem sempre grande sortimento de chapéus para sul e os chapéus, em todas as formas, de senhoras e cavalheiros, de todas as modas, de todas as épocas, de todas as cores, de todas as formas, de todas as maneiras. Para casa e para passeio, em todas as épocas e para passeio.

Maximum walking shoes dealer establisment



Centenario do descobrimento do Brasil

Numero extraordinario do

"Brasil-Portugal"

(Vide 3.ª pagina da capa)

COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

(FUNDADA EM 1876)

Exposição permanente de machinas agricolas
e Industriais, adubos, etc., etc.

17 a 31—RUA DO ARCO DO BANDEIRA—17 a 31

Encarrega-se do fornecimento de machinas e instrumentos
agricolas e Industriais, adubos quimicos, etc., etc, bem como
da installação de fabricas de qualquer natureza.

Executam-se todos os trabalhos em madeira, ferro ou bronze,
re, fundição, etc., etc.



NAS OFFICINAS DA
Companhia Centro Agricola Industrial
Caeas do David—Fogo do Bispo

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario—17, Rua do Arco do Bandeira, 17—LISBOA

Ferragens

F. N. Santos & C.ª

Caixa postal N.º 81

Deposito de todos os utensilios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo dos mais afamados fabricantes. Fogões portuguezes, francezes e americanos.

Apetrechos para embarcações. Machinas de costura SINGER.

Especialidade em Cutilaria.

Praça 15 Novembro, 3

MANAOS

Restaurant COELHO

◀ Largo de Santa Anna ▶

PARÁ

Proprietario — J. F. Vieira de Magalhães

O mais importante estabelecimento do Norte do Brasil. Serviço de primeira ordem, a toda a hora, dia e noite. Hotel no 1.º andar. Aposentos arejados. Preços modicos. Tratamento sem equal. Casa sempre apta a fornecer banquetes.

Casa de liquidações

Rua Marechal Deodoro, 6-A

Manãos

PROPRIETARIO

Francisco Lucas de Almeida

Casa por demais conhecida. Não precisa de reclamos, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, taes como chapéu de palha e feltro, calçado fino, camisas, meias, gravatas, etc.

Deposito permanente de bebidas nacionaes, charutos e goiabada superior.



Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

Torre Malakoff

LA ROQUE & C.ª

RUA DO CONS.º JOÃO ALFREDO, 86

PARÁ

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANAOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
immediatamente após a exhibição
das provas legais

Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tucos, Dóllas e todas as accessorias

Jogos diversos de novidade—Cartas,
Tentos e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

29 — Rua Nova do Almada — 39

CASA FUNDADA EM 1854

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado



VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

LONDRES, 1862; PORTO, 1865 E PARIS, 1867 E 1878

ANTICA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

PORTO
Registrada

Marca de Conhecido

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada, de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto.

Castro Matta & Irmão
CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELEGR. — Alda

C. do Correio 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000,000 rs.

13.600,000,000 REIS

De estatutos pagos desde 1864 até 1905

PREMIOS E RESERVAS 8.993.000,000

Seguros contra incendio, explosão de gas
ou raio

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhas francezas contra os riscos marítimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

DIRECCION — Lima Meyer & Filhos

LISBOA — Rua de Prata, 59, 2.º

DUARTE & C.^ª

Representantes de Rocha Silva & C.^ª

DO

PARÁ

ARMAZEM DE ESTIVAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS. — ESPECIALIDADE EM POLYORA E TABACOS. — COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Rua Marechal Deodoro, 5 — MANAOS

AO PALAIS ROYAL

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ



Antonio do Couto
ALFAYATE

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento

DE

FAZENDAS DE Lã E SEDA

Nacionais e estrangeiras

Proprias para todas as estações

Recibe e satisfaz encomendas pelo correio
REMETTE AMOSTRAS E PREÇOS

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.

UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho

Vice-presidente — José Marques Braga

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

